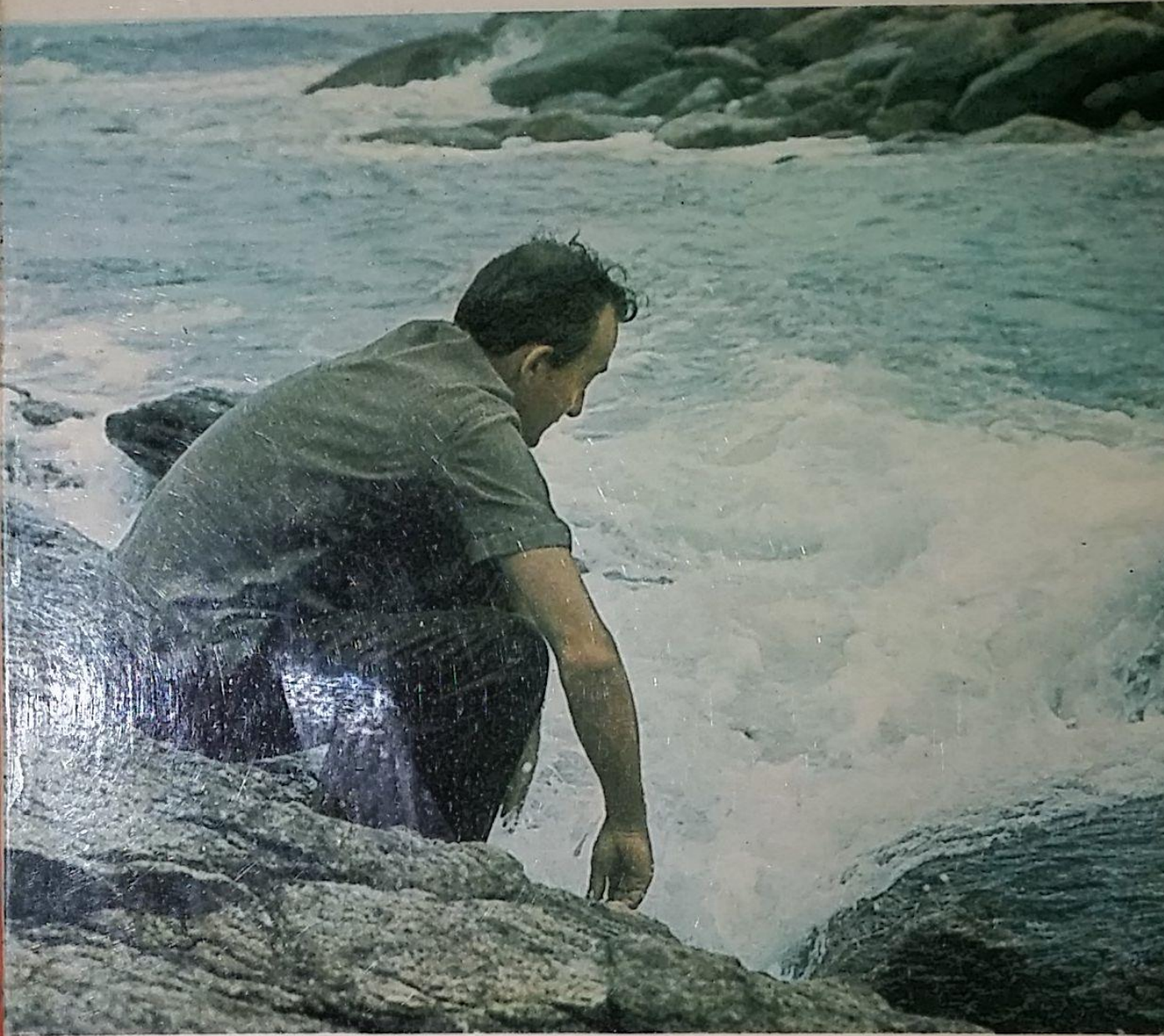


M. B. TAMASSÍA



TEMAS
DO AMOR
IMORTAL

0
M

TEMAS DO AMOR IMORTAL

INDICE

Apresentação de Ishtar	
CAPÍTULO 1	
"Ninguém está só..	I
A Volta de Esteia*	»
Ainda ouço teus versos.....	^
Tema do Amor Imortal.....	23
"Onde está Crips"	27
Uma Rosa com Amor.....	29
As matrizes da clématite	31
CAPÍTULO 2	
O sol Azul do Albiréo.....	35
O amor — rosa do asteróide	36
De onde nos vem a luz?	39
CAPÍTULO 3	
Minha filha Sally	43
Meu filho vive no além ,	47
A deslumbrante Rachel.....	51
Reencontramo-nos no mundo vasto	55
Jair Presente	57
"Mamãe... amo-a muito....."	63
CAPÍTULO 4	
"Não tenha medo, meu filho".....	65
A vigília dos nossos pais	59
CAPÍTULO 5	
Numa Pompuio e a ninfa Egéria.....	73
O protetor Goitacás	77
Mas é o amor que guia	79
"Obrigado, meu mestre..."	gj
Anjos sem nome.....	35
Os Anjos humildes	gg
CAPÍTULO 6	
O beijo da morta.....	91
"Obrigado, Mr. Bolton..."	95
CAPÍTULO 7	
Para que o mundo ouça.....	99
A presença de Raymond	100
"É minha mãe que me escreve"	105

"Uma dádiva de Deus"	107
Bibliografia	111

APRESENTAÇÃO

O jovem engenheiro Raymond, morto nas batalhas de Flandres, na Primeira Grande Guerra, comunica-se medianicamente com o seu pai, o grande cientista Oliver Lodge, e faz-lhe um apelo verdadeiramente patético: "Por amor de Deus, meu pai, fazei-o, porque se soubésseis e pudésseis ver o que vejo: centenas de homens e mulheres de corações partidos!"

"Fazei-o", eis um imperativo.

É o que estou fazendo, reunindo estas passagens, na tentativa de consolar os corações despedaçados. Já Isis caminhava pelo 'Egito atrás dos pedaços de Osíris e o coração de Maria Santíssima deveria'gotejar sangue, seguindo os passos de Jesus até Vê-lo agonizar na cruz. Todavia, a cruz era porta de saída deste mundo para *outro reino*, de que tanto falava o Divino Mestre. Segundo relatos colhidos pelo espírito de Humberto de Campos, Maria Santíssima, já velhinha, morava com O apóstolo João perto de Éfeso, quando lhe chegou a hora do desencarne. Eis que ela vê aproximar-se-lhe hóspede anônimo que lhe estende as mãos generosas e lhe fala com profundo acento de amor: "Minha mãe, vem aos meus braços". Era seu filho Jesus.

Os que amam, vão, voltam e permanecem juntos para crescer unidos a caminho da luz.

Que eu enxugue uma única lágrima, dou-me por'satisfeito e se conseguir abrir ainda o coração para aspirações mais altas, melhor ainda a minha paga.

De resto, só me resta agradecer a tantas criaturas generosas que, leitoras das minhas crônicas, insistiram e me estimularam para que eu enfeixasse ao menos algumas e as publicasse. Entre tantas, cujos nomes não me ocorrem de pronto, anoto aqui os de Luso Ventura, F. Soares, João Lanaro, Gumercindo de Campos, F.S. Piauí, Arita Petená, jornalistas e escritores de alto quilate, bem como o grande e particular amigo Luiz Bittencourt e o ilustre psiquiatra, Dr. Wilson Ferreira de Mello.

O Autor

Ishtar, vénus fenícia, deusa da juventude e rainha dos céus no império assírio-babilônia.

ISHTAR AOS HOMENS

A deusa Ishtar ao Rei Assaradão:

. .A palavra primeira que eu te disse, não confiaste nela; pois bem! tem confiança nas últimas!"

OS HOMENS A ISHTAR

Lê-se no livro de "Orações da elevação da mão."

"Faço oração a ti, soberana das soberanas,
Isthar, rainha de todos os povos, guia dos homens! Onde é que o teu nome não é ouvido?

Onde não és grande? Onde não és exaltada? Para onde olhas, vive o morto, ergue-se o doente! Eu, teu servo, invoco-te, suspirando, gemendo, sofrendo! Olha para mim, ó minha soberana, atende à minha súplica. Em verdade, volta para mim o olhar misericordioso e atende a minha oração."

(tradução de King e Dhorme — apud in "Christus".

CAPÍTULO 1

"NINGUÉM ESTÁ SÓ. .

Ishtar: Por que você pensa estar só? A viuvez lhe trouxe problemas de readaptação e, doravante, você deve aprender a carregar sozinha o peso que dividia com o seu companheiro. Também sei que, nas desoras, o seu quarto é frio, sua esperança nula e o futuro se lhe apresenta incerto. Mas quero que perceba que existe uma voz encorajante no silêncio da alma. Uma, não; muitas vozes, mas uma delas tem-lhe um timbre inconfundível.

Catherine Marshal era esposa de Feter Marshal, o mais famoso pregador evangélico norte-americano e que o Senado escolhia para a prédica em ocasiões especiais. Quando, de inopino, a morte recolheu Peter Marshall, que andava com a cabeça cheia de projetos, ela se sentiu desalentada. Nunca havia pensado na morte como algo concreto que pudesse acontecer-lhe ou afetar profundamente uma existência. Conforme se debatia em angústia, preparando-se para retomar um trabalho qualquer, sentia ir crescendo dentro de si a certeza de que o seu Peter, que sepultara, não era o seu verdadeiro Peter. Este não podia ter morrido. E, um dia, ela ouviu que lhe falavam ao ouvido: "Catherine — não penses em mim como morto." Certa noite, Catherine sonha. Era um sonho diferente dos comuns. Um sonho desprendimento. Através dele, permitem-lhe visitar o seu querido Peter em sua nova morada. Catherine sente o coração bater. Divisa espaçosa mansão e inteiramente contornada por alpendre florido. Põe-se a correr, mas o fazia leve como pluma. Por fim, a bússola do seu coração não a enganara: reencontra o seu Peter. Ele, tranquilo, cuidava de um extenso e maravilhoso roseiral. Atirou-se-lhe aos braços. E Peter a atraiu para si, esfregando-lhe o nariz, como era seu hábito. Repousou, Catherine, a cabeça nos ombros de Peter mas sentia, no companheiro, um certo constrangimento. "Sabes de uma coisa? — externou-se ele. Até mesmo eu fui surpreendido pela morte. Não estava preparado para entendê-la!"

Depois deste sonho singular em que teve aquilo a que chamou "testemunho evidencial" da sobrevivência, ela passou a ser fonte de consolação para as esposas de todo o mundo, ensinando-lhes: "A maior parte das pessoas aceita, intelectualidade, a crença em alguma espécie de vida depois da morte, mas habitualmente essa crença permanece teórica até que a morte invada o círculo imediato de cada qual".

É evidente que, neste mundo, "ninguém está só" e os universos não são* estanques e separados por vetustas leis deuteronomicas. São calcadas nesta certeza, as célebres cartas que Laváter costumava enviar a Maria Feodorawna, imperatriz da Rússia, as quais foram descobertas na Biblioteca Imperial de Petersburgo. Diz, nelas, o espírito comu- nicante: "Não olvideis que o vosso mundo é visível para nós e que o nosso é invisível para vós. Não olvideis que, em nosso mundo, os Espíritos bons verão com alegria a vossa fé no amor puro. Estamos juntos de vós, quando nos supondes muito longe. *Jamais se acha sozinho o homem de bem.* A luz do amor penetra todos os mundos e vai até às trevas do mundo material, porém os Espíritos bons e luminosos se acham sempre nas proximidades do amor e da luz".

O Além é uma continuidade. Peter Marshall, pregador da Igreja Presbiteriana, foi encontrado não no paraíso, mas colhendo rosas, a que tanto era afeiçoado e em trabalho que tanto desejou fazer na Terra e não pôde. E manifesta-se à sua amada esposa, não em rufiar de asas de querubim, mas roçando-lhe o nariz, como fazia quando transitava no plano físico.

A VOLTA DE ESTELA

Ishtar: "Quem parte não volta jamais — "Ninguém jamais regressou da morte, para nos dar qualquer notícia* — isto e outras coisas vocês diz, não porque realmenie você saiba, mas, simplesmente, porque outros lhe disseram e você passa para o próximo e este transfiri-lo-á aos seguintes, gerando a grande corrente da negação. E, no entanto, você tem o coração seco como vergel ressequido e desejaria, na verdade, cre. Desvencilhe-se desse condicionamento, pare, olhe e escute. E, garanto, que você verá os túmulos completamente vazios.*

Quando Esteia morreu, o Sr. Liyermore sentiu-se atirado a um vácuo, como se todas as motivações econômicas e sociais da roda-viva novaiórcuina não lhe fizessem mais sentido, pela incoerência da vida. Ela era toda a sua paixão. O desaparecimento intempestivo de um. ser amado, que ainda ontem estrugia em alacridades, transtornou deveras aquele coração que se tornara horrivelmente solitário. O pior era ele ser um integrante do time dos fortes, dos que não acreditam em "bobagens", nas mentiras religiosas e muito menos no fato de que pudesse existir qualquer vida além da sepultura. Foi, no entanto, o próprio

médico de Esteia, o dedicado Dr. John F. Gray, quem insistiu com o Sr. Livermore para que tentasse a consolação por vias mediúnicas. E ele passou a procurá-la, mais por descargo de consciência, do que crente de que pudesse, por caminhos tão obscuros, encontrar a claridade. Indicaram-lhe a famosa médium Kate Fox e Livermore realizou, com a mesma, 24 sessões, sem nenhum resultado apreciável. Colocou, a serviço desta grande busca, a sua insuplantável tenacidade e, graças a ela, chegou o grande dia do reencontro. Esteia materializou-se inteira e perfeitamente diante dos seus olhos, que não queriam nem mesmo piscar, a fim de que tal momento de fulgurância não lhe escapasse ao sentido. Vencendo os obstáculos do espaço-tempo e de difíceis problemas de interação espírito-matéria, a bela e inteligente Esteia, alma da sua alma, ali estava, com todo o viço e forma admirável. Livermore nô-la descreve assim:

“Uma luz brilhan
te surgiu por trás de nós e se elevou acompanhada de ruídos elétricos. Imediatamente, erguendo os olhos, reconheci o semblante de Esteia, perfeitamente visível diante da luz, que vibrava rapidamente, espargindo raios sobre essa figura de beleza incomparável a qualquer outra que se possa imaginar em seres terrenos. Ela fitou-me com expressão radiante de ternura”.

Com o perpassar do tempo, Esteia vai-se-lhe mostrando cada vez mais perfeita:

“Gradualmente — diz o Sr. Livermore — foi ela se descobrindo e mostrando o semblante de anjo, tão belo que só a imaginação pode figurar. A figura de Esteia ali se achava, trazendo na trança dos cabelos a mesma rosa branca e reproduzindo perfeitamente suas feições e expressão, sob uma auréola de luz. Por seis ou sete vezes sucessivas, essa forma tão viva e tão bela dissolveu-se e de novo se apresentou a meus olhos... Pedi-lhe que erguesse o braço e ela o fez de modo gracioso. Nenhuma pena pode descrever a esquisita e transcendental beleza do que vimos nessa noite.”

Esteia, em vida, gostava de entender-se com o Sr. Livermore na língua francesa; quando, agora, se materializava utilizava o mesmo idioma que, por sinal, a médium Kate Fox desconhecia inteiramente. “Meu coração está repleto de alegria — dizia Esteia — agradeçamos a Deus que nos concedeu tão grande favor. Compreendi o vosso coração. Em vez das sombras que aí se achavam, está hoje a luz que exalta. Sêde feliz e nada temais. A paz convosco.”

Livermore toca-lhe nos cabelos e sente-os idênticos aos de quando viva; mas, depois de algum tempo, eles se dissolvem nada deixando em suas mãos.

Certa ocasião aparece envolta em flutuantes vestidos de gaze branca e brilhante, segurando um maço de flores, ficando o pescoço e o seio cobertos completamente de rosas e violetas.

Livermore pergunta-lhe:

— Onde, Esteia, obtivestes tão lindas flores?

— “O nosso mundo — responde ela — um traslado do vosso. Temos tudo o que tendes: jardins e flores espirituais em abundância.”

Referindo-se a este caso extraordinário, Alexander Aksakof, pesquisador russo, obtempera: “Sou coagido a dizer que esta prova de personalidade excede a todas as outras que conheci”. Acontecia de Esteia não só aparecer materializada como, também, escrever, na frente de todos, com o seu próprio talhe caligráfico, utilizando expressões absolutamente íntimas do casal.

Se a humanidade, pois, desejasse uma grande prova para crer, tê-la-ia na volta de Esteia Livermore. Por outro lado, ela nos traz algo mais que a sua identidade: a de que um grande amor sobrevive à morte.

AINDA OUÇO OS TEUS VERSOS...

Ishtar: Vi-a saudosa do seu companheiro morto, rememorando à margem do riacho e à sombra da jigueira o idílio de dois jovens enamorados. "Onde está você, Nikol? Ouve-me ousimples sombra elemental? Ou, ainda, amado Nikol, é possível que você tão bom, dedicado e romântico tenha se transformado em moléculas de outros corpos? Responda-me, pelo amor de Deus!"

Pauline Carton era uma atriz e o seu amado Jean Violette, poeta, e ambos viveram fieis, um ao outro, durante meio século. Meio século? Muito mais, porque sucedeu que o amor, entre ambos, transpôs o limiar da própria morte.

Ela, hoje, é uma velhinha octogenária, que permanece sempre morando no mesmo cômodo que era o seu ninho de amor, no Hotel Saint James et d'Albany. Aquele seu mundo, no quarto pequenino, é, no entanto, possivelmente mais amplo do que possamos imaginar ou do que poderão explicar os sábios e, quem sabe, não possuam aquelas paredes que lhe emprestam nossos míseros cinco sentidos.

Quando os hóspedes do Hotel perguntam quem é aquela criatura, que murmura frases sozinha, como se conversasse com alguém, os criados respondem: “Ainda fala com ele, que morreu faz tantos anos! Todos os dias lhe oferece uma flor.”

Na calada da noite, Pauline declama os versos do seu amado poeta e garante ouvir os novos que o mesmo compõe no Além. “Olha que lindo estão estes! Por que os poetas, noutro lado da vida, virariam formiga e não pássaros canoros?”

“Sabem de uma coisa? — diz Pauline revelando mente equilibrada e nada senil. “O meu Jean apenas mudou de estado, como a água que se transforma em nuvem e que ninguém pode impedir de a nuvem descansar leve e envolver as árvores da paisagem, mormente se se trata de arvoredos solitários. Ele continua sendo a água e eu a planta ressequida. Existe um milagre assim que permite um galho, que todos julgam seco, reflorir em todas as estações.”

Certa feita, o seu amado Jean lhe diz: "Vá a Genebra e procure dois cadernos de poemas meus extraviados, que estão escondidos na casa de minha filha." Pauline não discute. Viaja obediente ao espectro e, para surpresa dos críticos literários e familiares, encontra de fato tais poemas inéditos.

"Vocês duvidam do que digo?" — interpela com um ar de desdém e compadecida dos que complicam tanto as verdades que, tão facilmente, um coração conhece. "Vejam este exercício de palavras cruzadas. Foi meu querido Jean que, ontem, resolveu-o para mim. Eu, obtusa como sou, não seria capaz de fazê-lo nunca. Adormeci com o lápis e ele trabalhou, durante o meu transe, utilizando minha mão".

* * *

Também Juliette Drouet amou Victor Hugo, o poeta de *Legenda dos Séculos*. Foi a sua companheira terna e presente na sua vida durante cinquenta anos. Quando se despedia do mundo, ela pediu que lhe colocassem na campa este epitáfio:

"Quand je me serai plus qu'une cendre glacée "Quand mes yeux fatigués seront fermés au jour,

"Dis-toi, si dans ton coeur ma mémoire est fixée:

"Le monde a sa pensée "Moi, j'avais son amour!"

"Quando eu já não for senão cinza gelada "Quando os meus olhos cansados se fecharem para a luz "Dize-me se em teu coração a minha memória se gravou:

"O mundo terá o teu pensamento "E eu, o teu amor"

*
*

Nos rastros do grande e imperecível amor medram, como petúncias multicoloridas, versos para o mundo. O jardineiro amante semeia crisântemos, pensando na amada, mas qualquer donzela poderá colhê-los e enfeitar os seus vasos. A verdadeira fonte do amor permanecerá constante e virgem de conspurcação. Como a vida semearia o Belo, se não persistisse o ser-contínuo, como *médium* do Pai ou do Sumo- -Tudo? É, por isso que, do Além, os bardos ainda nos mandam versos.

O poeta Tondela Júnior fala da sua "Alma irmã" que, como Pauline Carton, é uma velhinha na terra e lhe diz:

"Dizem-te agora trêmula velhinha,

"Pálida flor no instante derradeiro;

"Buscaste, em vão, na Terra, um companheiro,

"Mas nem por isso foste menos minha.

"Sofreste sempre, sem chorar, sozinha, "Envolve-te em meu sonho alvissareiro... "Quero-te as afeições do cativo "Que atravessas com garbos de rainha.

"Beijo-te as mãos de cera, as cãs e as rugas, "Guardo comigo as lágrimas que

enxugas, "Dou-te a esperança que me revigora..."

TEMA DO AMOR IMORTAL

"Bendize o pranto e a sombra, alma querida, "Porque amanhã, mais jovens para a vida, Subiremos mais juntos, céus afora!...Ishíar: Você aperta nas mãos um "souvenir" e a mente volta a um longínquo passado; as imagens daquela vida distante lhe são sem contorno e fugidias, mas as palavras dela você guardou: "Nunca despreze esta insignificante lembrança, porque tem impregnado o hálito da minha alma, que pressinto não demorará neste mundo." O seu grande sonho de amor não se realizou na Terra e você me indaga: "Ishtar, deusa juventude, protetora do amor, porventura existe casamento, no Além, das almas afins?"

Lord Balfour, Primeiro Ministro inglês, magnífico exemplo de homem e estadista, não obstante os cuidados que lhe dava o imenso império, onde o sol nunca se escondia, tinha um coração romântico e sensível. A sua cidadela afetiva podia, no tumulto das decisões estatais, manter-se invulnerável e reservada.

Na juventude, ele se apaixonou pela bela e delicada Mary Catherine Lytleton, a quem chamava carinhosamente por "May". Todos os seus projetos sentimentais foram lançados por terra, pois que, aos vinte e cinco anos de idade, May faleceu. Nunca mais, desde então, quiz unir-se a ninguém e a sua vida, neste sentido, foi a de um passageiro taciturno.

Lord Balfour teve, porém, a consolação que é dada a todo coração que busca e crê. — Através de vários e conceituados médiuns espíritas, entre os quais Winifred Willet, de nacionalidade inglesa, conseguiu contacto com a sua amada May, para apaziguamento do seu coração. Numa sessão, que se lhe tornou memorável, o médium lhe diz: "Catherine está aqui; nunca falta a seu lado; neste momento vejo-a colocando a mão sobre o seu ombro. Ela menciona o cacho dos seus cabelos que V. Excia. guardou num escrínio de prata!" Ah! Sir Balfour lembrava-se muito bem como conseguira aquele cacho de cabelo e em que penosas circunstâncias! A sua amada "May" expirava e ele, furtivamente, conseguiu cortá-lo da sua linda cabeleira, colocando-o num relicário cinzelado. E, junto à relíquia, escreveu uma frase de esperança na sobrevivência da alma para o que se inspirou no versículo 42 do capítulo 15 da 1ª Epístola aos Coríntios: "Semeia em corrupção; é ressuscitado em incorrupção."

Por esta razão e a mais forte razão do coração, o Lord sempre ceve a sua May por viva -e não por morta. "Não acredito — dizia ele — que os entes que perdi estejam verdadeiramente mortos, nem que estejam separados deles para sempre".

Passou-se meio século assim, desde que a sua amada se fora desta vida e Lord Balfour caiu gravemente enfermo. Dirigindo-se à sua mana Eleanor Mildred, ele prevê o seu próximo desenlace: "A hora do meu noivado não pode estar distante!"

Quando a morte roçava-lhe o corpo, ainda teve forças para pedir à enfermeira: “Coloque na vitrola o “Messias” de Handel.” Era o oratório que sempre ouvia, na companhia da sua eleita. Agora, começava a dar os primeiros passos nas sendas do misterioso Além, através das mesmas **24**

notas. Todavia, o seu estado psicológico era de quem ia de encontro a algo com que sonhara toda a sua vida; Ao encontro do Amor.

Todos os amigos, que ali se encontravam, acompanhando a sua agonia, confessaram mais tarde que eram capazes de sentir, no ambiente e de forma bem palpável, a amada May, sorridente e bela, estendendo-lhe os braços e recebendo-o em efusão.

“ONDE ESTÁ CRIPS”

Ah! a maravilha do amor imorredouro, aquela que une as almas afins e as tornam notas consonantes de um poema musical, para que a vida tome acento menos vulgar e os pensativos tenham suas horas de acalento. Ishtar: É necessário crer na semente que plantamos com amor e ter certeza de que ela nos retribuirá com sombra acolhedora e fruta sazoadada no espaço-tempo próprio, ainda que fora da nossa conotação habitual. Vejo-o sempre triste no Natal e a 'Noite Silenciosa' de Franz Gruber lhe soa nostálgica demais. "Minha velha se foi e minha festa acabou-se" – No entanto, meu amigo, ela, sorrindo, está junto a você e quer a sua alegria.

Crips era um tronco robusto carregado de vergôntes: Seus nove filhos, com os quais ficou, quando a sua esposa morreu de colapso. A princípio aquele baque surdo de um corpo caindo na escuridão, resvalando sem segurança, não terminava nunca. Não havia manhã para as suas intermináveis noites de angústia. Cada vez que um filhinho chamava pela mãe, tinha vontade de desafiar a própria divindade. A vida sempre lhe fora uma liça e nela tinha sido capaz de demonstrar a sua musculatura moral e a sua destreza. Por isso, nunca lhe fora dado pensar de veras no ser ou não ser, na sobrevivência da alma ou não, porque importava prover o lar e sustentá-lo. Quando Eleonora morreu, alguém levou-o a uma famosa sessão espírita, a maior de que o mundo tem notícia, que se realiza tradicionalmente no Seymov Hall, na Inglaterra, com a presença de mais de duas mil pessoas. Estelle Roberts era a notável médium que ali se encontrava e que merecia todo o respeito no desempenho da função sacratíssima de medianeira entre os dois planos de vida; ela se revelara sempre tão humilde, honesta e fiel, que o próprio Rei George II da Grécia dizia sentir-se honrado em tê-la como participante do seu círculo familiar, chegando S.M. a ajudá-la nas sessões de passes de cura.

Crips tinha intuição de que, não obstante ser anônimo naquela multidão, algo deveria acontecer de importante para refrigério da sua inconsolável dor. Às

tantas, a médium Estelle pergunta em alta voz, dirigindo-se ao público: "Existe aqui alguma pessoa com o nome de Crips? Se existe, saiba que se encontra presente o espírito da sua esposa Eleonora e que diz ter morrido, de mal súbito, em plena rua. Ela pede que os seus filhos fiquem de pé".

Crips, com o coração disparado e as pernas bambas, levantou-se na plateia e, com ele, um rapagão, seu único filho que decidira acompanhar o pai naquela experiência.

"E os outros?" ecoou a voz aflita.

A falecida Eleonora foi, então, citando pausadamente, diante daquele público comovido, o nome de filho por filho. Ao fazê-lo ressaltava a maneira característica de cada um, suas manhas, seus tiques nervosos e os cuidados especiais que merecia e como o pai devia compreendê-lo. Era, sim, a mãe ressurrecta!

Por fim, Eleonora falou já não como mãe, mas como esposa ao seu querido

UMA ROSA COM AMOR...

Crips: "Deus te abençoe, querido... estou completamente viva e feliz... Agora sabes Continuo sendo tua companheira... Não sinto tristeza alguma. .. Posso guiar meus filhos deste mundo... Sei que estás empregando os melhores esforços. *Nunca mulher alguma amou mais um homem do que a tua mulher te anta.*"

Era "Dia dos Namorados" e realizávamos sessão de psicofonia, quando José Miranda da Cruz que, em vida ocupara altos cargos na repartição dos Correios e Telégrafos, catarinense da gema, pôs-se, através da médium, a discorrer:

"Poucas vezes, dei uma flor à minha esposa Cota.

Achava bobagem estes pequenos e triviais gestos de ternura. No meu modo de sentir, era como se, fora do tempo juvenil, a árvore não devesse mais florir e retribuir. Todavia, hoje que me encontro do outro lado da vida, revejo todo o meu passado e me arrependo sinceramente de não ter sido mais galante para com a minha companheira. Quão grande foi o seu sacrifício, a sua tenacidade, a sua perseverança, o seu sofrimento calado, as lágrimas que sopitou- para manter de pé o lar. Nem sempre mereci este imenso é cálido amor que me acobertou, na passagem terrena, resguardando-me de tantos dissabores, que teria encontrado não fosse essa âncora. No declinar da idade, julguei-me realizado familiar- mente, herói de uma jornada, cercado do carinho dos meus filhos e dos primeiros netos que despontavam em minha existência e que gárrulos trepavam pelos meus ombros, enquanto Cota passava de lá para cá, sem mesmo ter tempo de agradá-los. Nem eu achava que, em dias especiais fixados no calendário pela convenção humana, devesse também materializar, num pequeno mimo, a gratidão e afeto imorredouros em meu coração. Não dava testemunho.

Silenciava como, se nessa fase de ocaso existencial, devêssemos deixar de cantar e não fosse distinto recordar antigas emoções. Agora me arrependo. Por isso, venho do Além pedir aos meus filhos que ofertem a você, minha companheira, uma rosa, em meu nome, como símbolo do amor que nunca morre.”

AS MATRIZES DA CLEMATITE

Ishtar: Quem poderá conhecer os arcanos do Senhor?

Que diria o viajante sideral, vindo de planeta rochoso, vendo um alvo lírio brotar na esterqueira. Por acaso, o iridescente colibri não seria o pensamento fragmentado do Sempiterno, em ensaio de cor e movimento? Se num planeta hostil como o nosso, Deus faz questão de intercalar uma bonina nos interstícios do penhasco, por que deixaria vazio o nosso coração? No Mundo Maior, talvez estejam as matrizes das nossas rosas, dos nossos quadros e do que não fomos capazes de expressar ou realizar ainda. Por isso não descreia do Amor e não encha a mão de lodo para atirar contra ninguém, mas atire-lhes flores.

Jovem, ardente e milionária, Míriam se filiou à corrente dos hippies, bradando pela liberdade integral do ser e brandindo armas contra todas as nojentas sujeições e alienações a que haviam submetido o angélico homem. Marcusse lhe remodelara a psique, ou como que a ligara a um instrumento dialético intensamente reativante. Libertou-lhe os impulsos, até aqueles mesmos que a civilização e a cultura calcam para o fundo da alma. E Míriam, rica, influente, requestada, bradava com toda a força dos seus pulmões, utilizando todos os veículos de comunicação ao seu dispor:

“Nenhum compromisso. Nenhum dever. Nenhuma rotina. Nenhuma escravidão. O casamento, como ordenação jurídica foi invenção dos que tomaram a mulher como um objeto. O amor deve ser livre. Nenhuma exclusividade imposta. O lar é uma instituição burguesa. Vivamos o nosso dia. Amanhã é outro dia, como o de hoje.”

Assim dizia e fazia, Miriam, até o dia em que, no seu próprio círculo vociferante, encontrou Mark Twendale, um coração temo e firme, que ela passou a desejar todo e exclusivamente para si. Aquela alma parecia ter sido feita pelo Criador para que a sua própria se narcisasse nela. Resultado: Miriam casou-se. Constituiu um lar. E, agora, bem feliz e harmonizada, não julgava mais alienação esperar o seu amado, contar com ele em horário certo, para servir- -lhe, com as próprias mãos, caldo fumegante; tampouco julgava servilidade o empenho com que botava o toqué feminino nos pequenos arranjos domésticos.

Todavia, nossa jovem enamorada, enviuvou-se bem cedo, perdendo o seu Mark inesperadamente. Ao invés de cair em desagregação interior e protestar contra Deus, como os seus antigos companheiros esperavam, Miriam procurou um caminho que nunca dantes trilhara: -O caminho da fé e da iluminação. Sondou

todas as estradas religiosas até descobrir a que fosse própria para o seu temperamento perquiridor. Aquela amor interrompido pela morte tinha sido uma prova concreta da existência de algo que ultrapassava os arranjos e desarrajos da matéria. E, em virtude dessa busca, lhe foi dada a oportunidade de frequentar um círculo espírita, onde se realizavam genuínas sessões de materialização.

E há sempre uma resposta adequada a toda emoção que se sublima pelas vias da dor e anseia por comunhão. Eis que, naquele ambiente singelo, o seu Mark adorado se materializa de maneira empolgante. Ei-lo ressurrecto e o seu túmulo vazio, como o deixou o Divino Mestre para ensinamento vivo a toda a humanidade, sem que esta entendesse! Deus é Deus de vivos e não de mortos.

Trocadas as expressões de afeto e de saudade, Miriam pergunta a Mark:

— Em que mundo tu te encontras?

Mark não responde mas, dando-lhe prova ainda mais convincente da imortalidade e continuidade da vida, vem com uma interpelação:

— Que fizeste, querida, da nossa clematite?

— Desde que partiste — soluçou a jovem — tratei dela todos os dias; reguei-a como se fosse um pedaço do teu próprio coração florindo e refluindo para a minha consolação."

— Pois bem — redarguiu Mark — devo adiantar-te que não tens contigo a verdadeira clematite. Eu a tenho aqui. Se a sombra da nossa clematite significa tanto para ti, podes imaginar o que a substância significa para mim!"

CAPÍTULO 2

O SOL AZUL DO ALBIRÉO

Ishtar: Assim você me confia: "Não sei porque sou triste. Querem que eu sorria, mas quando vou fazê-lo, meus olhos se alforam de lágrimas. A vida tem-me sabor insosso e meus passos são incertos. E eu desejava tanto pos- \suir um sol dentro da alma! Talvez que isto se chame nostalgia, saudade de um lugar no cosmos que foi seu ou de alguém que lhe pertenceu. Onde andaré a alma gêmea da sua?"

Camille Flamarion, o categorizado e famoso cientista francês, conta-nos que o jovem astrônomo chamado André perdera a sua amada, ficando inconsolável. Certa madrugada, assentando o telescópio na constelação de Cisne, deteve-se na admirável estrela dupla de Albiréo. Eis que lhe surge, naquele vídeo, em primeiro plano, a imagem da sua morta querida, mais bela do que nunca. Estende os braços a André e lhe diz: "Por que não vens? Espero-te. Que de mil cambianças, perfume, paz, beleza, encontrarás aqui, onde moro, no

sistema do sol azul do Albiréo. Acredita- -me, meu amado: Aí na Terra, nós não chegamos a conhecer o verdadeiro amor...”

Nem todas as almas, que palmilham a Terra, são egressas de um Sobibor umbralino. Pelo contrário, muitas, que por aqui transitam, guardam reminiscências do *paraíso perdido*. Chegam-lhes imagens esmaecidas de um ShangriLá onde deixaram afetos puros, paisagens que os olhos buscam em vão nesta peregrinação; músicas inaudíveis aos sentidos carnis de vibração sutil demais aos nossos ouvidos. Criaturas, assim, costumam em noite estrelada contemplar o céu, sentindo ímpetos de viajar até uma estrela. “Talvez naquela, esteja minha alma irmã ou o pedaço, que me falta, da realidade integral.”

Tais criaturas não beberam em dose suficiente a água do Letes e vivem tocadas por duas ressonâncias: A maior e a menor, um mundo de luz e outro de sombras. A saudade, por isso, é palavra que também transita no mundo das almas.

Pensa que não?

Um amigo desencarnado, chamado Zeca, que deixou grande prole e legião de colegas que muito o estimavam, disse-nos certa ocasião por vias mediúnicas:

“Nós, daqui, pregamos-lhe a alegria do amor mas, mesmo nesta esfera, chegamos a ter saudade pungente! Nossos olhos ficam marejados de lágrimas. Então, paradoxalmente, chegamos a desejar que todos os nossos entes queridos regressem, logo, aos lares espirituais para abraçá-los e para reencetarmos a convivência tema. Como vocês nos enfeitam os túmulos, nós enfeitamos os recantos onde, um dia, renovaremos os laços de amor.” *

O AMOR-ROSA DO ASTERÓIDE

O Pequeno Príncipe, deixando o seu asteróide B-612, minúsculo império onde reinava sozinho, desceu à Terra. Aqui se encontra com uma raposa e esta lhe ensina que duas criaturas podem ter boa convivência, se antes uma tiver conseguido *cativar a outra*. “Que é cativar?” — pergunta-lhe o Pequeno Príncipe.

36“Cativar — acrescenta a raposa — é criar laços afetivos. Por exemplo: tu não és ainda nada para mim, senão um garoto igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti e não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas se tu me cativas, passamos a ter necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. Eu serei para ti a única no mundo.”

O Pequeno Príncipe encontrou no deserto, onde despencara com o seu avião, o escritor Saint-Exupéry, a quem cativou. Viveram naquele deserto, dias e dias, de enlevo; o Pequeno Príncipe loiro com a cabecirha de sonhos e esse aviador

ocidental com a cabeça cheia de projetos. Por fim, devendo regressar ao seu pequeno império, o asteróide B-612, onde vivia *cativo* de uma rosa, que lá deixara solitária, o Pequeno Príncipe, na despedida, disse a Exupéry: "Tu olharás, de noite, as estrelas. Não posso mostrar-te onde se encontra a minha, porque é pequena. Tu, porém, terás estrelas como ninguém. Quando olhares o céu, porque habitarei uma delas e porque numa delas estarei rindo, então será como se todas as estrelas rissem! Evidentemente que muitos te julgarão maluco, quando abrires a janela e começares a rir, olhando-me nas estrelas . . .'

No zimbório azul sorriem-nos os astros onde habitam e comandam bilhões de Pequeninos Príncipes cativos das suas próprias criações. Em vão os geólogos escavarão o solo de tais mundos brilhantes, porque, embora isto lhes fira a razão, todas as estrelas são como romãs de amor. O mundo "é" pelo amor das almas. Talvez, o universo seja ideia de um Grande Pagé cósmico! O fluido universal circula, mas só se torna útil quando passa pela usina do amor de alguém. Na província terrena, a praça pública foi um presente que o arquiteto paisagista elaborou ao seu filho que vai nascer ou que já nasceu ou que nunca nascerá carnalmente. Ou à amante com quem sonhou ou com quem vai sonhar. Em suma, o que existe é oferecimento: O bolo de fubá da mãezinha, a pirâmide de Queops e a valeta que o operário abre à picareta.

Talvez só morram, no cosmos, os que não tenham nada a oferecer, caso em que possivelmente regressem à forma larval. Onde existam elementos cativos, uns dos outros, aí se ensaiam[^] rudimentos da Grande Protófina Celeste. E ¹¹⁸
a Compõe e a rege porque é *cativo* de nós.

DE ONDE NOS VEM A LUZ?

Ishtar: Sei que não é fácil saber e entender as coisas celestes com o cérebro terrestre. É como se pedíssemos à operosa e diligente formiguinha que nos dissesse da dimensão do sol. Embora eu sinta essa barreira, creia em mim: O espaço e o tempo não podem com o amor. Eu percorro espaços super-galácticos e imensuráveis, para recolher uma prece ou enxugar uma lágrima. Um dia, aqui no plano pré-unitivo, encontrei Plutarco contente como uma criança.

Plutarco foi o historiador que escreveu as famosas vidas paralelas; mas, muito mais do que isto, oficiante de Apoio, do santuário de Delfos e um iniciado nos grandes mistérios de Dioniso. Quem se der ao trabalho de lê-lo com atenção, acima do contexto histórico, perceberá que Plutarco sabia, quase dois milênios atrás, tanto quanto hoje sabemos, nós, acerca da vida futura, da comunicação entre vivos e mortos e da evolução contínua da alma. Ele tinha um discípulo no qual punha todas as suas esperanças mas que, se viera ao mundo com avantajada inteligência, faltava-lhe ainda inteiramente aquela acuidade que faz com que a inteligência vibre em contacto com as luzes mais sutis e imperceptíveis aos sentidos corpóreos. Assim, Plutarco subiu, passo a passo, às altas esferas da

Espiritualidade- Maior, enquanto o seu pupilo permaneceu nò solo, sempre rastejando, contando, comparando e se alimentando dos seus detritos. Viu o seu amado discípulo envelhecer errando; renascer, pecando, sempre em exercícios repetitivos na Escola Planetária, enquanto ele, o mestre, foi colocando os pés de astro em astro, escalando o céu.

Um dia, eu, Ishtar, dou o meu testemunho: Na 14ª casa do Plano vivencial pré-unitivo, havia imenso regozijo e alegria sem conta. Como poderiam emocionar-se umas almas que tinham já se despedido da emotividade?

“Que é que aconteceu?” — indaguei. Ao que o Grande Hífen de união entre-mundos esclareceu: “A alegria de Plutarco se torna alegria de todos, como o sol que se desanuvia provoca revérberos álacres em toda a criação. Ele, hoje, descerá à Terra, depois de secular ausência.” — Por quê? — interpelei. — Porque, depois de quase dois mil anos, afinal, Quirinus voltou-se para a Luz. Cresceu, Espiritualizou-se. E, depois de tão longa separação, Plutarco conseguirá reduzir a sua vibração a um ponto de encontro com aquele que foi seu discípulo amado.”

* * * >

Numa cidade paulista, naquele dia, através de excelente médium psicógrafa, Plutarco penetrava a densa atmosfera terrena, fazia um rombo no seu pegajoso estofo psicoférico e, no dizer de videntes, convertia vasta área em espetáculo de luz ou seja, no dizer de uma entidade, em transcendente arrebol. Forças foram mobilizadas, mil e um expedientes, providências tomadas, nesta ciência ultrafísica, para que Plutarco pudesse mover o braço de uma médium, levando-o a produzir manifestação singela. Ao lado da médium, o antigo Quirinus, que errara na Terra de renascimento em renascimento, ostentando elevados títulos, estava contrito e em religiosidade, como nunca antes experimentara. Entre tantas palavras de emoção e contentamento, de estímulo e confiança, Plutarco se justificava humildemente: “Sei que estranhareis que eu ainda possa sentir tal tipo de emotividade extravasante, semelhante à que sentis em vossos reencontros; dá-se, porém, que no meu ser se dá um retomo psico-constitutivo e passo a registrar, na vossa atmosfera, muito daquela sensação que, fora desse plano, se manifestaria de forma diferente, mas sempre representando, na tradução do vosso léxico, alegria, exultação, entusiasmo! “Meu discípulo, meu filho; agora, sim, depois de tão longa espera e separação, tenho confiança em que poderei, depois desta tua passagem terrena, esperar-te no Além para abraçar-te.

CAPÍTULO 3

MINHA FILHA SALLY

M. Ishtar: "Não há dor igual à minha dor" soluça você não se conformando com a morte do seu filho. Eu, Ishtar, sei que sim, pois me coube experimentá-la nas passagens planetárias, daí saber que nenhuma palavra é própria para tirá-la da desolação. Mas, também, liberta dos renascimentos, da lei de ação e reação, posso afiançar-lhe que seu filho continua vivo, necessita da sua prece serena e, amanhã, enxugará o seu pranto,

A festejada escritora inglesa, Rosamon Lehmann, autora de "Poeira" e "Convite à Valsa", conta-nos como teve o seu chamado e acordou para a realidade espiritual, com a qual jamais sonhara. Em 1958, ela recebe a infausta notícia de que a sua filha Sally, com 23 anos, morrerá em Java, vítima de poliomielite. A; escritora caiu em tremenda depressão e não fazia senão chorar e protestar contra os injustos desígnios de Deus. Não havia palavras, livros ou prédica, em que pudesse encontrar alívio para o seu coração estraçalhado, pois que, na sua existência de criatura de alto nível intelectual, habituada ao convívio das rodas de beletristas, nunca fora dada a perder tempo com aquilo que considerava uma sub-literatura, feita de pieguice e chavões para as almas simples e simplórias. Os seus ídolos e modelos eram estes escritores que fazem a vivisseção e corajosamente mostram as vísceras do homem a todos outros homens, para que não nos iludamos quanto à nossa composição. Sobrava sempre livros aplaudidos de escritores ateus, que utilizam a falta de fé para a irreverência desafiante e que, como crianças, arranham a face dos deuses, inscrevendo nas suas estátuas palavras sonsas e obscenas. Agora, a morte a sacudira e a levava a perquirir os problemas do ser, do destino e da dor. Um dia, estando numa casa de campo, na hora crepuscular, ouviu vibrar dentro do seu cérebro uma nota agudíssima. Essa nota-silvo se transmudou numa espécie de canto e, por sua vez, o canto virou simples sussurro. Depois, uma pausa e, em seguida, algo assim como melro sobrenatural gorjeando em distância indefinível. Ainda mais uma vez, a metamorfose sonora e ei-la ouvindo sinfonia belíssima, composta em estrutura diferente, parecendo oriental. "Depois — diz a escritora — senti por detrás do meu ombro esquerdo a presença de Sally, minha estremecida filha."

E Sally, durante certo tempo, consolou a mãe e, mais do que consolo, lhe inspirou nova direção espiritual. Rosamon Lehmann passou a se interessar por pesquisas psíquicas, a crer na comunicabilidade dos mortos, na vida transcendente, na existência de infinitos planos de vida. Chegou, melhor ainda, à compreensão das leis superiores que regem os destinos humanos e determinam como e quando os espíritos devem amadurecer. O enigma da dor, ela agora podia decifrar, como sendo o fogo sobre o qual colocamos o cadinho para que transformemos o metal bruto em preciosa obra-de-arte. "Para a gente ser

levada tão alto — escrevia Rosamon — vale a pena que sejamos rejeitada tão em baixo, atirada de joelhos e derrotada, para que possa medir a insuficiência e ver que, no reino das coisas espirituais, não obstante o intelecto, muitas vezes, somos tão imaturos, que ainda não nascemos,”

Quantas pessoas ainda não nascidas andam por aí, porque os seus olhos olham e não vêem, seus ouvidos se aguçam, mas não escutam, os seus lábios falam, mas não dizem nada. O amor, porém, nos arrasta e, se o seu tom é elevado, içá-nos a estratosferas insondáveis. Uma Sally, então, rediviva, como anjo à margem de uma existência intelectual ou socialmente brilhante, pode valer mais do que milênios de passos cadenciados na grande rota das almas, rumo ao país da Alegria Perene.

“MEU FILHO VIVE NO ALÉM...”

Ishtar: Não importa que a sua religião, pela voz dos seus respeitáveis e doutos representantes, diga: "não, não e não", contestando, com todos os argumentos e dados teológicos, a possibilidade de os vivos se encontrarem com os mortos. Os fatos dizem: "sim, sim e sim". Vale mais um fato do que mil palavras eruditas. Ademais, a verdade é como a luz, penetra pelas frestas invisíveis de um ergástulo, mesmo que não o desejem os seus carcereiros.

Como aconteceu a Saulo, que saiu para perseguir cristãos e que, por fim, se tornou o maior apóstolo dos gentios, nunca um homem sabe quais serão os seus futuros passos, na busca do consolo, da cura ou da verdade. Uma senhora da nossa sociedade, dna. Ofélia Amaral, num canto da sala, humildemente servia copinhos de água fluída para os que acabavam de tomar passes. Aproximei-me, coloquei o meu braço sobre os seus ombros e lhe disse: “Quando a Senhora poderia imaginar um ano atrás que, um dia, estaria dentro desta casa, distribuindo água fluída e auxiliando trabalhos espíritas! Por certo, a senhora passou de carro milhares de vezes em frente à nossa casa e nunca pensou que a vida a fizesse adentrá-la, por motivos tão tristes”. — “Ê mesmo — redarguiu dna. Ofélia, com semblante de muita paz interior — jamais imaginaria! Quando perdi Pedro, meu filho único, moço, formado e noivo, não sabia mais o que fazer, pois, antes, eu também me enviudara. Sentia-me só e completamente perdida. À minha porta, bateram prepostos de todos os credos para me consolar e lhes agradeço. Os seus esforços foram, porém, baldados. Até que me trouxeram à sua casa. Mais uma religião, menos uma, sabia que ninguém me iria restituir o meu Pedro adorado e que a minha existência não tinha nenhuma razão de ser e que só me restavam as lágrimas e o desespero. No entanto, aqui encontrei a pacificação, e a convicção de que o meu Pedro vive. Por graça e misericórdia divina, me foi dada esta fé inabalável e, o mais importante, foi que a doutrina me fez compreender as leis que presidem nossos destinos e que os pedaços do nosso coração se nos juntarão um dia e que, se estamos na vida, é porque existe

uma missão para cada um de nós.”

Assim, também, sucedeu ao Reverendo Walter Wynn, Pastor da Igreja Batista, chamada “Livre e Unida” da Inglaterra. As suas prédicas em tom profético eram motivo de grande atração, a tal ponto que mereceu do “Star” alentada reportagem.

Talvez que tudo tivesse, até o fim do seu apostolado, corrido serenamente, sem qualquer nuvem, se o reverendo não tivesse perdido, na Primeira Grande Guerra, o seu filho Clifford Rupert Wynn. Este desaparecimento chocante do seu filho, no front francês, levou-o a caminhos nunca trilháveis pelos que estão acomodados numa religião tradicional e julgam não necessitar de outra. Sobretudo, o reverendo Wynn era uma das criaturas que possuem facilidade para se descartar de qualquer fenômeno insólito, pois atribuía-o ao diabo.

Ele, no entanto, leu a obra “Raymond”, de autoria não de um homem medíocre, mas de cientista de escol, agraciado cavalheiro, distinguido físico e membro da Academia Real de Londres, nada menos que Sir Oliver Lodge, que havia também perdido o seu filho Raymond nas batalhas feridas em Flandres. Levado pelo amor e pelo exemplo, o reverendo Wynn também saiu em busca do seu filho, mesmo que ele estivesse perdido no imenso desconhecido, que ninguém era estimulado a desafiar e penetrar. Através de diferentes médiuns, o reverendo Wynn chegou à grande descoberta, a maior que a sua alma podia ter feito para si e para a humanidade, principalmente para consolação dos pais que perderam os, seus filhos no morticínio legalizado. Tudo o que viu e ouviu anotou cuidadosamente, do que resultou o *best-seller* mundial “Meu filho vive no Além” na edição brasileira lançada pela Clarim Editora, enquanto que, em inglês, se chama: “Ruper Lives”.

Sem meias palavras, circunlóquios ou prejuízos de orgulho de casta, grupo, família, levantou a sua poderosa voz para o mundo, afirmando: “Eu falei com meu filho considerado morto. Meu filho vive no Além”. De várias formas mediúnicas, ele registra o colóquio que teve com o seu pranteado rebento que, em certo momento, lhe toca o coração: “Meu pai, meu orientador, meu professor, meu querido velho pai, eu o amo”. Até mesmo a fotografia espiritual conseguiu obter, este invulgar pesquisador, bem como a rara e difícil “voz direta”, fenômeno conhecido no Espiritismo Científico pelo nome de pneumatografia, em que o espírito fala, no espaço, sem utilizar aparentemente o corpo do médium.

A sua viagem fora da toca, levou-o a descortinar novas dimensões do ser e transferir para bem longe as lindes da verdade estereotipada apenas na interpretação literal da Palavra de Deus, donde dizer: “É realmente um mistério, mas o caso é verdadeiro e eu o confirmarei até no dia do Juízo Final. Os mortos podem comunicar-se com os vivos em condições especiais. A vida continua. Eu possuo as provas mais concludentes e as mais absolutas da sobrevivência da alma. Os fatos espíritas me fortaleceram a crença em Cristo

e nos ensinamentos do Novo Testamento. Compreendo, hoje, centenas de ocorrências registradas na Bíblia, de um modo que dantes me seria impossível. Antigamente, eu acreditava na sobrevivência por um ato de fé. Hoje, eu acredito nela porque sei que é verdadeira”.

James A. Pike, que foi Bispo da Igreja Episcopal, também teria tido o mesmo sucesso, a fim de captar notícias do seu amado filho falecido. Conseguiu-o e não silenciou. Enfaticamente transmitiu o seu achado ao mundo todo, embora isto lhe viesse custar dissabores, dissensões, ataques e vilanias, do mesmo modo que ocorria ao apóstolo Paulo, quando em Acaia chega a ser açoitado e levado perante o procônsul Júnio Gálio como elemento mistificador e feiticeiro, pelos seus próprios irmãos judeus! Foi, quando jurou que, aquela maravilhosa Boa Nova, iria doravante oferecer aos gentios menos ácidos e turbulentos. Disse James A. Pike: “Comuniquei-me com meu falecido filho James, por intermédio de um médium, numa sessão de espiritismo realizada em Toronto e que foi gravada para a Televisão do Canadá”.

A DESLUMBRANTE RACHEL

Ishtar: As veies, a lei superior exige que o homem dê mil passos em direção à luz, para que a descubra, a fim de que pague um preço alto para a descoberta e, pagando-o não a esqueça jamais. "Batei e abrir-se-vos-á – disse Jesus; no entanto, não nos disse quantas vezes deveríamos fazê-lo para que pudéssemos enxergar pelo lado de dentro das coisas.

Frederico Figner foi uma das criaturas espiritualmente mais formosas das que transitaram pela Terra. Era israelita, nascido na antiga Boêmia, portanto, da pátria dos inolvidáveis mártires João Hus e Jerônimo de Praga. Vagando de país a país, sofrendo privações, Figner chega ainda mocinho ao Brasil, que se lhe afigura a verdadeira Terra da Promissão, aquela que em vão o povo eleito buscou através dos desertos escaldantes de Faran. Tomou-se, graças ao seu talento e trabalho, um homem de relativas posses e que fundou a célebre gravadora de discos “Casa Edison” do Rio de Janeiro, que difundiu a música através dos gramofones por todos os rincões do Brasil. Consorciou-se com uma bela e distinta moça pertencente a família de grande tradição: Esther de Freitas Reys, construindo ambos um lar feliz.

No entanto, grande provação lhes estava destinada: Rachel, a primogênita, verdadeiro primor de menina, encantamento de todos, veio a falecer. Dir-se-ia que um golpe assim deveria prostrá-lo; mas Frederico Figner fora preparado para a prova. Tempos atrás se iniciara na doutrina espírita, através de Pedro Sayão, parente da soprano Bidú Sayão. O que havia levado Figner à prática mediúnica, tomando-o, por sinal, disputado médium passista de cura, foi o seu desvelado amor aos humildes que cheios de problemas de saúde não tinham recursos para procurar um médico.

Em 1921, o casal rumou para a longínqua Belém do Pará, onde Ana Prado, médium de efeito físico, vinha empolgando o país com impressionantes fenômenos de materialização obtidos dentro das mais acuradas exigências da pesquisa psíquica. Ali, passou a frequentar os trabalhos assiduamente. Em 4 de maio daquele mesmo ano, numa das sessões, a sua filha Rachel se materializa, da forma a mais perfeita "-que imaginar se possa. "Era ela mesma, a sua Rachelzinha querida, de silhueta delicada e "em toda a perfeição de formas" — escreve, a mãe, em ata lavrada do seu próprio punho.

Rachel chega-se aos pais. Abraça, beija e acaricia-os em tocantes provas de amor. O côncavo do coração se enche de sons inaudíveis pelo sentido comum e o sudário da morte se rompe de ponta a ponta. É uma pena que todos os homens não pudessem ver para que, mais uma vez, se levantasse o alarido universal de hosanas pela ressurreição. A imortalidade da alma verificada e a presença dos mortos alicerçando a fé, a esperança e a caridade.

O suspense, na sala, é quebrado pela voz de Rachel: "Mãezinha, não quero que ande mais de préto, ouviu"? Em dizendo isto, de maneira graciosa, tomou uma rosa vermelha e enfiou no decote da blusa da sua mãe. Em seguida, toma outra rosa, desfolha-a e esparze as pétalas sobre a cabeça do pai e da mãe, tal como fazia, quando viva e nas festinhas de aniversário. Era demais e todos choram de comoção. Rachel ergue as delicadas mãos para o alto e diz: "Graças a Deus, sinto-me contente por ter vencido a dor de mamãe..

Rachel sente necessidade de deixar assinalada fisicamente a sua presença nestes memoráveis trabalhos e, então, coloca a sua delicada mãozinha materializada numa lata de parafina fervente; em seguida tira-a e introduz noutro recipiente cheio de água fria. Neste vasilhame deixa então um molde perfeitíssimo, em operação que nenhum ser humano poderia levar a cabo.

Referindo-se a tais manifestações, sua mãe exclama: "Era a minha Rachel. Era a minha Rachel, tal e qual eu a tivera na Terra. O rosto, o pescoço, o colo eram seus. Não havia possibilidade de ter a menor dúvida de que não fosse a minha querida filha. Via e sentia minha filha. Só Deus me poderia dar tamanha felicidade, apenas treze meses depois da sua desencarnação".

Num outro momento, Esther acrescenta: "Como Rachelzinha se apresentasse com os cabelos suspensos, pedi que queria vê-los. Ela foi à câmara de ectoplasmia e voltou, revelando-se com a sua linda cabeleira, caindo solta sobre os ombros. Eram lindos como os possuía em vida".

“REENCONTRAMO-NOS NO MUNDO VASTO..

Certo dia, Rachel avisou: "Eu preciso partir". Com um lenço foi acenando e a mãe deslumbrada exclamava: "Adeus, meu amor"! Ishtar: Não depositou você a sua súplica

sobre o meu altar, que não o tenho, mas transmitiu-a ao meu coração materno e eu teria chorado, com você, através dos seus próprios olhos, não fêz-se que lhe trago mensagem de fé: O seu filho está bem e manda-lhe um beijo.

Gugu era o apelido do menino Carlos Augusto, filho do Dr. Oswaldo Lacerda. O garotão deixou esta vida de forma trágica, quando o cine Rink, de Campinas, desmoronou, causando mortandade e luto para inúmeras famílias campineiras.

O seu pai, fiel ao seu grau de formatura, não era dado a quaisquer manifestações de fundo místico, mas a perda de Gugu era algo demais doloroso e cruel, para que não buscasse em qualquer lugar um pouco, que fosse, de consolação. Assim aproximou-se do famoso médium Chico Xavier e teve, no tempo devido, as palavras de que necessitava a sua alma e a esperança que deve enverdecer os campos, -depois da queimada devastadora e infernalina. Os pássaros poderiam, agora, chilrear nas galhadas do seu coração e as abelhas reencontrariam pólen nas corolas que se abriam diante de outro sol: O sol esmeraldino da espiritualidade e que nunca se esconde.

A 3 de dezembro de 1952, em Pedro Leopoldo, no Centro Espírita Luiz Gonzaga, com a presença do médium de efeito físico Peixotinho e assistência de outras figuras de proa, inclusive Chico Xavier e o prof. Henrique Rodrigues, realizou-se uma sessão, na qual se materializou o espírito de Scheilla, a qual com um foco de luz paranormal pediu que o tio de Gugu, o Sr. Henriquinho Ferraz focalizasse a sua Roleiflex em determinado ângulo e disparasse o flash. "Naquele lugar — disse o sr. Henriquinho — tudo estava vazio; não existia nada, nem espírito, nem médium", o que o levava "a considerar a experiência inteiramente malograda". Ao regressar ao Rio, mandou revelar os filmes. E lá, na foto, estava Gugu, com o rosto nítido e perfeito, apenas envolto por matéria esbranquiçada, como se feita de flocos de algodão, ou seja, o chamado ectoplasma que os espíritos utilizam para tais manifestações materiais. A prova era robusta para todos: O Gugu, que ali aparecia, era o mesmo da ocasião do desmoronamento do cine Rink, época em que dele não haviam tirado nenhuma fotografia.

JAIR PRESENTE

Em abril de 1953, quatro meses depois, Gugu escreve pelas mãos do Chico, em trabalho, de psicografia, uma longa carta para a mãe e o pai, dizendo entre outras coisas: "Nosso amor venceu a morte. Nossa fé venceu a dor. Em verdade, qual acontece ao papai, tenho lágrimas nos olhos, lágrimas de alegria, porque nos reencontramos no mundo vasto. . .". Ishtar: "De que forma sustentar firmeza, se mourejei toda a existência de sol a sol, para ver meu filho formado e a morte mo arrebatou, pouco antes da formatura? Nem eu, nem a companheira, ninguém conseguimos sequer pensar. Que longo e horrível pesadelo! Permitti, Ishtar, que de repente acordemos e possamos dizer: Isto não aconteceu!"

O inteligente e exemplaríssimo jovem, Jair Presente, pertencia a conhecida

e benquista família de Campinas, residindo à rua Dr. Oswaldo Cruz **TV 764**. Contava pouco mais de **24** anos de idade e cursava, com brilho, o **4º** ano de Engenharia da Universidade Estadual de Campinas. No dia **3**-Íle fevereiro de **1974**, estava nadando com alguns companheiros, na chamada Praia Azul, perto de Americana, quando lhes faltaram forças. Retirado prestes fora d'água, de nada valeram os recursos aplicados, pois não sobreviveu. A sua morte causou consternação geral no meio estudantil. Os pais, José e Josephina Presente, e a sua irmã Suely, sofreram tão grande impacto, que se lhes afigurava não resistirem tão lancinante dor. A inconformação, o tom de pesadelo por uma perda desta natureza, mói e remói os corações paternos, aniquilando-os.

A dinâmica Wandir Dias que alimenta com oitocentos pratos de sopa as crianças pobres do bairro pobre chamado Grameiro, também costuma estender a sua colher de consolação aos aflitos e deu aos pais de Jair Presente o livro "Presença do Chico", para que encontrassem lenitivo naquelas páginas repassadas de esperança. Os pais leram-no. E resolveram, também eles, procurar o Chico em Uberaba, neste lugar da terra que não é de milagres, mas Santuário de Consolações.

Por força destes insondáveis desígnios da Providência, o humilde casal, em alí chegando, teve resposta imediata aos brados dos seus corações torturados. Chico Xavier, em transe, pôs-se a escrever. No fim de laudas e laudas preenchidas celeremente, vinha a assinatura do missivista do Além: "Jair Presente".

"Uberaba, **15** de março de **1974**.

"Meu pai, minha mãe, minha querida Sueli, peço-lhes calma, coragem. Não estou em situação infeliz, mas sofro muito com a atitude de casa. Auxiliem-me. É tudo, por agora, o que lhes posso dizer. Tenho a mente nublada. Consigo entender muito pouco aquilo que se passa em torno de mim. As lágrimas dos meus queridos me prendem. Que há meu Deus?

"Não pensem que desapareci para sempre. Estarei, porém, com vocês na condição em que estiverem comigo. Fortes me fortalecerão. Desanimados, me farão esmorecer. É muita coisa para observar, entretanto, não posso ainda. Creio apenas que perder o corpo mais pesado, não é desvencilhar-se do peso de nossas emoções e pensamentos, quando nossos pensamentos e emoções jazem nas sombras da angústia.

"Eu encontrei muito amparo, mas, a não ser o meu avô Basso a quem me ligo pelo coração, não tenho ainda memória para funcionar aqui; minha faculdade de lembrar está *com vocês, assim à maneira de um balão escravizado. Aju- dem-me. Preciso ver e ouvir aqui para retomar-me como sou.*

"As vozes de casa chegam ao meu coração e, como se continuássemos juntos, vejo-os no quarto, guardando-me as lembranças como se devesse chegar a qualquer instante. E o meu pensamento não sai de onde me prendem. Agradeço,

sim, o amor em suas lágrimas. Agradeço o carinho em suas preces, mas venho pedir-lhes para viver. Vivam! E que vivam felizes, porque assim também serei feliz.

"Esqueçam o que sucedeu, ninguém me prejudicou, ninguém teve culpa. Mal sabia eu que um passeio domingueiro era o fim da resistência física. O coração parou, ao modo de um motor, de que não se descobre imediatamente o defeito.

"Fui eu quem deu tanto trabalho aos amigos. Notei quando me chamavam, quando me abraçavam, massageavam e me faziam quase respirar sem conseguir. Agradeço por tudo. Depois foi o sono, um sono profundo, do qual acordei para chorar com o pranto de meus pais e de meus afetos mais queridos.

"Sueli, acalme-se e auxilie os pais queridos. Nada de lamentações e reclamações. Deixei o corpo num domingo, sem extravagâncias quaisquer. Há quem pense em drogas, quando se deixa a vida física assim qual me sucedeu. Mas não havia drogas, nem abuso da véspera. Estávamos sóbrios e brincávamos à maneira de pássaros descuidados. Em qualquer lugar que me achasse, a queda de forças seria a mesma.

"Estou saudoso de tudo, dos familiares queridos, dos companheiros, dos estudos e das aulas, entretanto, espero sarar e refazer-me. Para isso, você, meu querido pai e você, querida mãezinha, são as alavancas de que preciso para me levantar.

"Aqui comigo estão o meu avô Basso e um coração de benfeitora a quem chamo de irmã Elvira. Estou bem, mas é preciso melhorar. Encaremos a vida como deve ser a vida perante Deus e esperemos o futuro melhor. Creiam que estou fazendo muita força para não acovardar-me.

"Não posso aumentar-lhes os sofrimentos. Agora é o momento de pensarmos na fé, na fé viva que nos ergue o pensamento para a vida maior. Abençoem-me e ajudem-me.

"Lembrem-me estudando e não morto, porque a vida não admite a morte. Por hoje nada mais consigo escrever. A garganta, como se eu fosse falar, está estrangida e as lágrimas estão contidas a ponto de rebentarem. Quero confiar em Deus e em vocês e por isso termino com um abraço, deixando, aqui, a vocês aquele beijo de todos os dias, rogando a Deus para que nos fortaleça e nos abencôe (a) Jair Presente".

* * *

Quinze dias depois desta carta, os pais do rapaz voltaram a Uberaba, levando em sua companhia o universitário Carlos Roberto Ramos Fonseca, amigo de Jair e que vivera os tristes acontecimentos de Praia Azul, bem como as graciosas estudantes, Elenice Santana e Cidinha, que faziam parte do grupo de íntimos de Jair. Ao menos, Carlos Roberto havia estranhado o tom da carta de Jair Presente, achando-a um tanto mística, quando Jair Presente era aquilo com que designam por "cara legal" e "prafrentex"^^ temperamento extrovertido e

automaticamente líder. Quanto à mãe de Jair, dna. Josephina dizia: "Ele era assim mesmo. Tinha o dom de apropriar a linguagem segundo o meio em que se encontrasse; à frente de doutores falava difícil, em casa com ternura e junto aos rapazes usava uma gíria que eu não entendia nada".

Jair Presente, lá do Além-Túmulo, parece ter ouvido as observações e, agora, diante da sua patota, veio com um bilhete diferente, para que os seus amigos entendessem e se valessem disto para os seus dias futuros na face da Terra. Assim, através da psicografia do Chico Xavier, Jair deixou a segunda carta:

"30-3-1974 — "Oi, Carlos, pedi vez e obtive. Falar a vocês assim como sou. Vocês não me vêem, mas nunca fui Jair Presente como agora. Presente. Apenas presente, para um abraço no rancho. Comoquié? E o Sérgio?

"Aquele negócio da Praia Azul, no domingo, não deve meter medo. De qualquer modo, o modo era aquele mesmo. Dar uma de afogado para não cair em outra de doente. Porque doente nunca fui. E afogado não fiquei sendo. Morem nisto ai, se puderem. Eu fico na curtição diferente: Começar vida nova. Observar e aprender.

"Ainda estou um tanto apagado, mas vou me incrementar, a fim de apanhar as verdades daqui...

"Vocês leram as minhas palavras a meu pai, à minha mãe e à nossa querida Sueli. Escrevi, escrevendo, mas vocês sabem! Falar com professores não é conversar no gru- pinho. Tem-se de controlar tudo para não entrar bem. Foi o que fiz".

Depois de o missivista do Além-Túmulo confirmar que apurou ser a irmã a socorrista Elvira, uma sua parente desconhecida, continuou:

"Nunca pensei que a morte fosse o que vi. Tudo tão natural! Vocês ocupados em me trazer ao corpo parado e eu a mover-me escutando alguns caras gritando...

"Depois, Carlos, foi uma vertigem, como quando um sujeito se assusta e se apaga. O resto já sabem... Se vocês puderem e se tiverem gosto com isso, orem por mim. Joia! A prece é fio que esbarra na estação do destino. E a estação de destino agora sou eu.

"Se puderem entrem na curtição de emissores. Nada de lágrimas. Legal. É preciso viver e viver trabalhando. Agradeço a você, à Elenice, à Cida e a todos os corações amigos da família e à patota presentes com os Presentes.

"Estou bem. Melhorando. Preciso ficar mais ouriçado para trabalhar. Ainda estou muito borocochô! E não posso ficar assim. Gente boa aqui é muita; escolas, ao que ouço, não têm conta. Mas no momento ainda tenho mais saudade de vocês que vontade de renovação. Liguem-se comigo e ajudem-me. Ligação é para estas horas... "

* * *

Jair Presente, mais tarde, em **25** de agosto de **1974**, voltou no mesmo estilo

anterior, dirigindo-se aos jovens integrantes do seu grupinho e a seus pais. A carta é longa e contendo, numa linguagem comunicativa, importantes ensinamentos à mocidade. Quanto ao sexo, observa: "Esse negócio de sexy, fiquem acesos para pensar melhor. Não brinquem com fogo, que o fogo nesse assunto queima muito mais do lado de cá. O que vocês prometem cumpram. O que fizerem no campo dos tratos, saibam tratar, porque o amor é uma luz que não aparece em querosene de papagaiadas de conversa furada".

Ao grupo familiar se exprime em conceitos interessantes: "Quero que vocês fiquem aí até que o mofo espante vocês do saco de pele de ossos, peço a Deus que todos se arrastem de velhos, mas eu não sei se isso vai acontecer. De qualquer modo, preparem-se para vir algum dia. E saibam que só temos aqui o que damos e só sabemos o que colocamos dentro de nós". No tocante à caridade, chama a atenção dos companheiros para a sua importância, pedindo aos colegas que vão servir sopa aos pobres com a sua mãezinha. Depois de pedir a bênção aos pais e de explicar a estes que escreveu, em tal estilo, só para mostrar que está *vivo*, prometeu que voltaria a escrever com "siso e juízo".

MAMÃE. . . AMO-A MUITO...

Na Praia Grande, no Estado de São Paulo, num trecho de praia conhecido por Suarão, o estudante Luiz Sérgio Anhê, ao salvar a vida de uma jovem, em virtude de esforço hercúleo feito, é arrastado pelas ondas e morre afogado.

Através do Chico Xavier, o rapaz vem enxugar as lágrimas dos seus pais, João Anhê e Maria Giampietro Anhê, em carta repassada de sentimento:

"Querida mamãe — a sua bênção e a sua prece por nossa paz. Eu sei, mamãe, que a saudade é uma ferida, por dentro, vas ando o sangue de nossa vida, em forma de lágrimas... Eu sei que ninguém me quis tanto quanto o seu coração... Não sabia que as minhas forças estavam no fim, na manhã daquela segunda-feira. Os meus últimos pensamentos foram para a sua ternura e para o meu pai, nas orações que elevei a Deus... A princípio apenas registrei uma compressão invencível no cérebro e a fraqueza nos braços. Depois, foi um sono pesado em que me via, como um pesadelo, sob as águas profundas... Em seguida, sempre reunindo a impressão de sono com a ideia de consciência, perdi a noção de mim mesmo. Só mais tarde acordei num leito alvo e com alguns amigos a me oferecerem carinhosa atenção. Pedi que me deixassem regressar para casa. Queria dizer que estava bem, mas a pouco e pouco, aquele que, depois, reconheci por vovô Miguel, vim a saber que meu corpo era agora diferente... Ajude-me querida mãezinha. Preciso daquela paz que o seu carinho sempre me deu... Não queira acompanhar-me. Viva para que eu possa tornar a viver. Temos muitas bênçãos a receber, muito serviço a realizar. Coloque-me no seu coração querido, assim como antigamente. Seja a sua oração um cântico de harmonia e dê amor para que seu filho descanse. . . l?erdôe-me mamãe e beije outra vez

o seu filho reconhecido, que com muito carinho volta' aos seus passos para beijar as suas queridas mãos.

É a volta dos mortos queridos, em palavras de consolação e despertamento. Também outra mãe, de outro país, Inglaterra, dna. Claredon Road passou pela mesma experiência. No anfiteatro do Albert Hall, o seu filho Peter que havia sucumbido na guerra, como integrante da poderosa Raf, por vias mediúnicas, vem e, depois de dar provas convincentes de que vivia no Além, murmura docente: "Mamãe querida. Eu sou mesmo o seu filho Peter. Amo-a muito".

CAPÍTULO 4

“NÃO TENHA MEDO, MEU FILHO”

Ishtar: Você indaga se há espíritos protetores para guiarem-nos os passos, no pós-morte..

Sim.. Até chegarem a Deus, o que leva um tempo imensurável, as almas se amparam ^Êmutuamente. A que está na frente guia a que le está atrás. Sempre haverá u'a mão aberta à leesperá da sua mão.

Ele era um menino altivo, petulante e senhor de elevadíssimo Q.I., a tal ponto destacado que, intimamente, desprezava o pai, criatura simplória e intelectualmente apagada. O mundo em que vivia, tanto passaria com o seu pai, como sem ele. Não aprendera a ajuizar o acervo valioso de tantas coisas maravilhosas, que tinha recebido através do coração compassivo do progenitor, e de quanto aquelas mãos calosas haviam lixado, pintado e envernizado para dar-lhe conforto e segurança.

O pái sentia isto. Certa ocasião, convida-o para irem, ambos, passear na lendária "Lagoa Assombrada" localizada em lugar bastante ermo, oculta em mata emaranhada por cipós e unhas-de-gato. Atingiram-na a duras penas e, vencidas ainda as tabôas que a cercavam como guardas de lança em riste, se lhes revelou aquele imenso espelho d'água plácido e escuro, sinal inequívoco de grande profundidade.

— Tiremos a roupa e vamos nadar — disse o pai.

Nininho, que já vinha caminhando assustado, acovardou-se. A névoa da madrugada, repousando sobre as águas, desenhava duendes e a imaginação do garoto povoava os aguapés com cobras, jacarés e sucuris.

— Vamos, meu filho. Não tenha medo. Agarre-se em mim...". Em dizendo isto, o velho foi puxando Nininho para o fundão até que, não dando mais pé, colocou-o às costas: "Segure bem, filhinho... como se fosse um enorme cavalo marinho...".

E o pai começou a nadar.

Naquela solidão, entre um e outro pipio de pássaro ou som chocho de saracuras ariscas, ouviam-se as braçadas seguras de homem resolutivo.

Nininho, que a princípio estava apavorado, foi adquirindo confiança e o desconforto se converteu em alegria efusiva. Seu pai, de repente, voltava a ser o herói que havia perdido. Inteligentíssimo, entendeu o sentido da lição: Passasse, daí por diante, a auferir e recolher cumprimentos do mundo pelo seu êxito, não desdenharia mais os ombros paternos que o haviam carregado-e haveriam de ser aquele em que poderia sempre confiar nas horas de medo e aflição.

* * *

Em nossa vida, ocorre facilmente esquecermo-nos da criatura que, na infância, chamamos pelo nome de papai e que cobrimos de beijos, enquanto ele nos enchia o bolso de guloseimas. Mas nossos pais, mesmo do Além, continuam velando por nós e, se o Alto lhes permite, salvam-nos de ciladas e nos protegem com a sua forte mão amiga.

Numa poesia psicografada, Paulo Sérgio Milliet Duarte da Costa e Silva, que morreu aos quinze anos de idade, enviou do Além uma poesia ligada a este tema: "Ninguém te ouviu a prece de esperança, / Quando entregaste ao berço, de mansinho, / Meu pobre coração de passarinho / Engastado no corpo de criança. — "Calado herói do bem que não descansa / Tanta vez a lutar, mudo e sozinho, / Ninguém te enxerga o pranto de carinho / Com que me guardas vivo na lembrança. — É por isso, meu Pai, que dia a dia / Varo a senda da névoa espessa e fria, / Que o sepulcro de lágrimas nos junca. / Para ofertar-te, ao peito brando e forte, / A certeza da vida além da morte, / Na luz do Amor que não se apaga nunca".

Nestes lindos versos, é a alma de um poeta que vem consolar o pai, agradecendo-lhe a dedicação, como "calado herói"; noutros, é o próprio filho quem adquire a certeza de que o pai, que se encontra no Além, guia-o pelos ínvios caminhos do mundo. E quando chegar a nossa hora de desligarmo-nos deste, esse mesmo "calado herói" estará à nossa espera.

O Dr. Hamilton Prado foi homem de destaque na sociedade paulistana. Advogado de renome, diretor da Antártica Paulista e político de evidência, ocupando posição de líder na Câmara dos Deputados, legou aos pósteros nome e tradição.

Já quase no fim da vida, publicou uma pequena obra chamada "No Limiar do Mistério da Sobrevivência", de inegável valor, na qual conta as suas próprias experiências psíquicas. Desde moço, quando ainda frequentava a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, tinha momentos em que se'desligava do corpo físico! Não sabia como e nem porque acontecia, mas se bipartia, em nítido fenômeno dito de desdobramento.

Com o perpassar dos anos, o desdobramento tomou-se- lhe trivial: O seu corpo espiritual deixava o corpo físico e saía por aí, donde a sua obra pesava na balança como vário subsídio à comprovação da sobrevivência da alma. Viajando, pois, noutra dimensão do ser, na forma que nos será natural depois da morte, deu-nos extraordinários pontos de referência para que conhecessemos o Além. "Tais mundos são construídos à semelhança do nosso" — depoimento que é idêntico ao que nos prestava Emmanuel Swedenborg, há duzentos anos atrás. "O que varia — diz Hamilton Prado — é simplesmente a densidade, de forma que o próprio espírito variando na densidade do seu corpo pode identificar-se com as densidades de cada um desses mundos, comunicando-se com eles e vivendo neles, como vivemos neste mundo em que o veículo do espírito é o corpo humano".

Estar encarnado e vagar nesse outro não é tarefa muito fácil. No entanto, é o próprio autor que nos conta quem era o seu condutor, como Virgílio o foi de Dante. "Alguns tempos após o falecimento de meu pai, ocorrendo um desdobramento, percebi, perto de mim, uma pessoa, que eu não via e que, ao dar-me sua mão, me permitiu reconhecer, pelo tato, ser mão dele, a qual eu estava habituado a ver e tocar. Aquela pessoa, que admiti, pois, ser o espírito de papai, em um vôo rápido levou-me por sobre a cidade, para um campo, por cima do qual comecei a deslizar, até atingir uma colina que, ainda voando, começamos a subir".

A VIGÍLIA DOS NOSSOS PAIS

Ishtar: Existem pais humildes e filhos doutores; filhos ricos de pais que foram pobres; tudo isto não importa, mas, vale o grau de afeto de alma a alma que, na vida carnal, se colocou na posição de protetor ou protegido.

Eu lhe garanto, que se esse vínculo for verdadeiro, vocês muitas vezes se encontrarão na esteira do tempo e subirão juntos ati mim e até aqueles que são maiores do que eu.

Viriato Correia, historiador e contista, que da humilde Pirapemas, no Maranhão, por esforço próprio, galgou às culminâncias do nosso inundo literário, sentando-se na cadeira n^o 32 da Academia Brasileira de Letras, fez verdadeira profissão de fé, numa conferência levada a efeito em 1941, na Federação Espírita Brasileira.

Confessou que, anteriormente, não acreditava sequer em Deus e que o seu maior orgulho era exibir o seu ateísmo. "Quando diante de mim — disse Viriato — alguém falava em Deus, com respeito e fé, eu, ou duvidava da sinceridade, ou considerava a criatura imbecil. Não me podia passar pela cabeça que alguém, de senso comum, de inteligência vulgar, pudesse, a sério, acreditar em Deus".

Certo dia, bom amigo lhe entrega um livro de Allan Kardec. "Li-o, de um fôlego e de um trago — acrescenta o mesmo — "Tinha chegado o meu dia, como

o daquele coelho que se dispôs a pôr a cabeça fora do buraco. E o meu deslumbramento não foi menor que a do animal da fábula. Ao correr os olhos pelo livro espírita, eu tinha a sensação maravilhosa de quem sobe uma montanha, desvendando uma paisagem nova, fulgurante e surpreendente. Ao terminar a leitura, sentia-me bem alto, no píncaro, vendo no fundo da furna, vendo diante de mim, um panorama largo, aberto, indefinido, inteiramente estranho para a minha imaginação, um panorama de beleza tão ofuscadora que fiquei parado, olhos extáticos, o sangue em fogo a alma em êxtase, ajoelhada, na volúpia da contemplação”.

Viriato “mudou”, na sua feliz expressão, ou se converteu, diríamos, nós. Quando o orgulho se abate, Deus nos entra imediatamente na consciência”. Interiormente, o escritor se enche de euforia e passa a recortar o universo através de uma cosmovisão esplêndida. Mas, se a Fé se acende muito depressa, ela também pode trepidar facilmente, por falta de raiz e insuficiência de trajeto percorrido, entre a primitiva negação e a recente exaltação mística. Tendo Viriato converso, de suplantar percurso existencial semeado de obstáculos, em que os azares da existência jogavam-no de um a outro lado, como batel de pequeno calado, ei-lo que, depois de estar lá em cima, na crista da onda, no máximo da ascensão, descia para um estado de incerteza, sentindo mais o gosto de terra que o de céu. Estava Viriato neste ponto de desânimo, quando lhe ocorreu frequentar os trabalhos espíritas presididos por Elisabêh Mamon. Às tantas, na sessão, perguntam-lhe: — O senhor conhece alguém que se chama Manuel?

- Conheço várias pessoas.
- Alguém que já desencarnou e que diz ser seu parente?
- Meu pai! — exclama Viriato, arrepiado.

Aquele que em vida se chamou Manuel Viriato Correia Baima, pai do nosso ilustre homem de letras, ele mesmo ali estava. Forneceu elementos de convicção ao desalentado escritor. Tocou nos pontos que justamente preocupavam o filho. E chegou ao máximo: Enunciou o *dia exato* em que os seus problemas, que lhe pareciam insolúveis, iam ter solução definitiva, para a pacificação do seu espírito atribulado.

* * *

Um outro caso que comprova a vigília dos nossos pais, amparando os seus filhos mesmo do Além, me foi dado testemunhar em **1968**, em Guarulhos, durante sessão com jovem clarividente chamada Rita Dabarian, pertencente a uma das melhores famílias guarulhenses. A sua própria compleição física, a cor da epiderme, os ademanos eram as de uma cigarinha, destas encantadoras figuras de folhinhas antigas.

Desde pequena, Rita tinha a mania de ler cartas, ao que a família se opunha energicamente, escondendo todos os baralhos que aparecessem. Vocação é

vocação, e Ritinha, sem que tivesse visto ninguém fazê-lo, acabou por arrumar um Tarot divinatório, próprio para a leitura da buena-dicha. E era, furtivamente, que fazia a leitura daquelas complicadas cartas aos seus amigos mais íntimos, em suas casas, a qualquer hora.

Ritinha não era simplesmente uma clarividente do tipo Jeanne Dixon, pois era pronunciada a sua mediunidade e, conforme a leitura se processava, nela como que se incorporava uma entidade que se fazia chamar por “Ciganinha” e que falava e possuía os impulsos desta raça. A princípio, lia os símbolos das cartas, depois, lia, através de uma terceira visão, mensagens que lhe baixavam do outro lado da vida. Se a minha convicção dependesse de provas dessas comunicações pós-tumulares, eu as teria alcançado através de Rita.

Numa sessão, encontrava-se, entre outras pessoas na minha companhia, o Sr. Orlando Paschoal, destacada figura no empresariado campineiro. Entre tantas cartas-mensagens, recados, advertências, precognições, que vinham em catadupa, a vários destinatários, enunciadas no ritmo peculiar cigano, nossa Ciganinha leu um bilhete assim: “Mário — oriente meu filho. Dê-lhe forças. Ele merece bom trato, compreensão, estímulo e amor. Você será recompensado por tudo. Não tenha dúvida. Você vai ver. Em compensação, tenho procurado proteger também a sua menina. Fico tão feliz vendo-os juntos! Ele precisa da sua força. Deus o abencôe. Agradecido. *Miguel*”.

— Quem é Miguel? — perguntou Ritinha, olhando de maneira meio desfocada.

Eu não sabia sinceramente quem seria esse Miguel. Ninguém ali imaginaria quem fosse. Todavia, Orlando respondeu:

— Meu pai!

Eis um apelo paterno que demonstra a presença dos nossos progenitores em nossas existências mesmo quando já se encontram desligados da carne. Mais tarde, através de outros tipos de trabalhos mediúnicos, com outros médiuns, noutros lugares, vim várias vezes a reencontrar esse dedicado e afetuoso “Seu Miguel” que, em vida, não me fora dado conhecer que havia fundado importante organização e deixado benquista prole. Mas, sempre e sempre, todas as vezes, em que se manifestava, denotava extremo desvelo pelos seus filhos e netos.

CAPÍTULO 5

NUMA POMPÍLIO E A NINFA EGÉRIA

Ishtar: Cada ser humano, desde as mais remotas eras, ergueu a sua prece a um deus da sua tribo, a um santo da sua devoção ou ao Deus mais impessoal. Todos receberam auxílio e recursos,

até mesmo os poetas evocando as suas musas.

Eu tive, também, meu santuário em Uruque e ocupei posição de relevo no panteão babilônico. Já então, os pais, irmãos e amigos falecidos dos suplicantes recolhiam, por mim, suas preces e movimentavam-se, ser- vindo os devotos, em meu nome.

Numa Pompílio, a quem tiveram de implorar que aceitasse o cetro de rei de Roma, costumava fugir ao convívio humano, embrenhando-se sozinho na floresta densa, onde se dizia que experimentava a “mais venerável e santa companhia”, ou seja, encontrava-se com a ninfa e deusa Egéria! Ele, o mais nobre e o mais varonil sabino,, protótipo da raça, que fundaria a primeira e mais pura religião dos romanos, chamada por isso a “religião de Numa”, mantinha colóquios e recebia conselhos de uma protetora espiritual, Egéria, ninfa das fontes. Daí Plutarco concluir, diante de tantos exemplos tomados à história: “Todavia, é verossímil que a divindade não ama os pássaros, nem os cavalos, mas os homens, experimentando prazer em frequentar às vezes, familiarmente, os perfeitamente bons e não desdenhando a conversação dos santos e religiosos”.

Em todos os tempos, pois, os homens tiveram como certa e consoladora a crença de possuírem assistência invisível, através de um ser que, consoante a religião imperante, tomou diferentes nomes: guias, protetores, auxiliares, anjos guardiães, deuses e semi-deuses. Na orgulhosa Roma, se prestava devoção especial aos deuses-lares (lar familiaris) e penates que protegiam a família, enquanto que, no Sintoísmo japonês, trazem os familiares e ancestrais mortos para dentro do lar, colocando-os espiritualmente no santuário doméstico, chamado Nitamaya, onde se tomam “mitama”, espírito protetor. Na apreciação judiciosa de J. Dahlmann, professor da Universidade de Jôchi Daigaku, de Tóquio: “Tal qual ocorria entre os romanos, eles se tornam os espíritos tutelares, que se comprazem em ajudar e dirigir os descendentes”.

Sócrates possuía o seu “dâimon”, gênio particular que o acompanhava, aconselhava e o prevenia, tendo certa vez evitado que fosse massacrado na batalha de Delos. “O meu Gênio Familiar — afirmava Sócrates — me anuncia que indo por aí padeceremos alguma desgraça”.

O insigne teósofo C.W. Leadbeater conta que, quando alguns pequerruchos da aldeia de Shotebrook viajavam, em virtude de manobra infeliz do carreteiro, foram lançados às águas do Tâmis. Um barqueiro, que se encontrava apoiado à margem, rápido pretendeu socorrer as crianças, mas viu, com os seus próprios olhos, que “elas boiavam alto de modo esquisito, sem que submergissem no caudaloso rio”. Os garotos foram interrogados, quanto à sua salvação milagrosa, ao que declararam: “Uma criatura bela, toda de branco e brilhante nos amparou e guiou até à margem”.

Kardec, no “Livro dos Espíritos”, na questão n.º 489 e seguintes, submete

essa pergunta de todos nós à consideração do Espírito de Verdade e este lhe responde: "Sim há espíritos que se ligam a um indivíduo para protegê-lo e é o que chamais vulgarmente de bom espírito, bom gênio, anjo guardião, etc. "A sua missão é a de um pai para com os filhos: conduzir o protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar a sua coragem nas provas da vida. Alegram-se com o progresso do tutelado e entristecem-se com as suas quedas morais".

Situando-se tais protetores em psicofera contínua à nossa e, devendo ter vibratibilidade capaz de provocar ressonância em nosso equipamento psicossomático, é visto que o anjo guardião ou espírito protetor de cada um deverá ser entidade dentro da mesma faixa ou, em certo grau da escala espiritual, na qual tenha possibilidades de exercer atuação. Só existe comunicação eficiente onde haja certa identificação por vias simpáticas. Como preleciona André Luiz, em obra psicografada pelo médium Chico Xavier: "Cada consciência renasce no campo físico, traz consigo as ligações do agrupamento espiritual a que se filia, demonstrando as afinidades profundas de que a onda mental dá notícia no fluxo revelador com que se apresenta". E isto se dá em todos os "planos, pois que a Providência do Criador determina que a criatura seja amparada com segurança".

O PROTETOR GOITACÁS

Ishtar: Que ninguém se iluda com a máscara; atrás das feições de um caboclo simples, pode se esconder uma grande alma. Cristo fez-se Jesus, em Nazaré, para poder conversar com os homens e nunca poderá alguém julgar pelas aparências. Eu, Ishtar, já fui pastora nas planícies de Baalbeck, irmã de Iracema e mãe- -preta da senzala.

Yvonne A. Pereira, médium da mais alta qualificação, não só pelas faculdades em si mas, também, pelas virtudes que exornam a sua personalidade, conta-nos, num dos seus livros, que não se entusiasmava nem um pouco por guias indígenas ou falanges desta natureza. Enquanto outros se referiam ao seu "Pena Branca" ou "Ibirá", com carinho, confiando-lhe a proteção dos familiares, Yvonne se conservava fria, arredia e até um pouco desdenhosa. Não sabia explicar o porquê. Só fazendo auto-análise e comparando revelações íntimas, chegava à raiz desta aversão. É que espiritualmente ela não tinha nada de brasileira, embora nascida em Minas Gerais. Guardava fortes condicionamentos de existências pregressas vividas na Europa, a tal ponto que, na primeira infância, se recusava a pedir benção ao seu pai, alegando que o seu verdadeiro pai não era aquele, mas outro que usava capinha dos lados, como no tempo de Luiz Filipe I, da França, chapéu alto e cabelos grisalhos.

Não obstante essa posição antagônica, notava frequentemente a presença, ao seu próprio lado, de um índio brasileiro aparentando dezoito anos, com

semblante melancólico, mas de maneiras gentis. Apresentava-se-lhes à sua vidência enfeitado de plumagens, flechas coloridas e cabelos compridos. A sua voz tinha tom e modulação especiais, falando baixo e pausado. Um dia, Yvonne lhe pergunta o nome e o índio, parece que simplesmente desejando livrar-se daquela curiosidade, responde: "Chame-me por José... Sim, José".

Certa ocasião, Yvonne passou por um desdobramento e o seu espírito volitou "pelo espaço, em plano baixo, durante uma linda noite de plenilúnio". Tudo lhe era mais perfeito e belo! Sentia-se fora do corpo carnal, eufórica como pássaro liberto da prisão. Sem quaisquer resguardos, esgotou-se nessa aventura de projeção do seu corpo astral e, de repente, começou a cair em direção ao solo. Ao mesmo tempo, sentiu-se atirada a um lugar hostil e coalhado de expressões larvares e iracundas. Seres grotescos arrastavam-na para uma grotta repulsiva e o seu coração pulsava de aflição e medo. Eis que ouve uma voz que lhe parecia salvadora, voz que tinha todas as características à do índio José, que lhe diz: "Que vieste fazer aqui, minha filhinha, estás louca? Corres grande perigo neste local... E aquele humilde índio, tomou-a pelas mãos e transportou pelo espaço, reconduzindo-a ao corpo físico que se encontrava hirto no seu quarto de dormir.

Mais tarde, Yvonne soube detalhes da personalidade do "índio José". Ele nem sempre havia sido indígena mas, pelo contrário, vivera vida pregressa como grande potentado e déspota da civilização. Numa reencarnação foi orientado a renascer no meio dos índios goitacases e foi nessa existência humilde que alcançou a sua redenção, que não lograra em posições elevadas. Grato por aquela indumentária, preferiu como guia que era, apresentar-se assim aos homens e à sua tutelada Yvonne, que acompanhava, havia muito, vida afora.

MAS É O AMOR QUE GUIA

O poeta Jorge Matos, do Além, envia-nos seus versos, que nos dá a medida exata da extraordinária força protetora do amor. Um morto confessa a sua odisseia: "Tomo, ansioso, da morte à casa que deixara... / Os meus, o lar, o amor (. . .) tudo o que ambiciono. / Entro. Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono. / Mormaço, plenilúnio, o vento, a noite clara... / Debalde grito, corro, observo inspeciono. .. / Subo. Um morcego ronda a pequena almena- ra... Nada. *Ninguém me espera.* A vida desertara. / Tudo silêncio e pó de tapera sem dono... / Sofro desilusão que o mundo não descreve, / Mas alguém abre a porta e me chama, de leve... / Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho... / Conheço-a...! *Minha mãe!* Quantas saudade, quanta...! / Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos de santa...! / Ela chora e repete: "Ah! meu filho! meu filho...!"

Nossos afetos, se são profundos e verdadeiros, sobrevivem às próprias estrelas e, quando estas não mais tremeluzirem no espaço, o Amor estará à

nossa espera nos portais da redenção. Daí que, nas reportagens feitas no Além, por irmãos de outras esferas, temos visto muitas mães abdicarem a bem-aventurança para descer às fumas, respirar ares pestilentos, enfrentar hordas macabras, a fim de recuperar o filho do seu coração ou, então, é a esposa-amante que busca o companheiro desgarrado nos pélagos das almas enfurecidas. Na obra *Libertação*, Matilde, entidade habitante das altas esferas, chega a "materializar-se" em planos espirituais mais densos e baixos para retirar o seu amado Gregório de uma cidade umbralina, onde ele era o Grão-Sacerdote dos Dragões, falange de espíritos decaídos existentes desde eras primevas da criação planetária, operantes nas zonas inferiores da vida, personificando a liderança da rebelião, do ódio, da vaidade e do egoísmo. E o seu amor derrotou todo aquele poderio infernalino. No reencontro, que se deu depois de tantos séculos, ela lhe dizia: "Sou Matilde, alma de tua alma, que um dia te adotou por filho querido e a que amaste como dedicada mãe espiritual".

Ulisses, o célebre e astuto guerreiro grego, terminada a guerra de Troia, sofre perseguição dos deuses e erra pelo mundo roído de saudade da pátria e do lar. Uma noite, vê surgir-lhe o espectro da sua adorada mãe, que ignorava tivesse morrido. Lavado em lágrimas, pergunta-lhe o que lhe causara a morte: "Porventura, mamãe, foram os nossos inimigos que a mataram? — "Alguma ingratidão"? "O destino inexorável tirou-lhe a vida"? "Diana, por acaso, a flechara com insidiosa moléstia"?

Ao que responde a mãe: "Não, meu filho, não foi Diana, não foi a sorte, mas a tua lembrança; foi a tua bondade, filho meu, que me matou".

O amor converte-se em nomes e povoa o Universo vertical e horizontalmente. Daí que, ao descermos da barca de Caronte, não tenhamos a esperar-nos arcanjos e serafins, com delicadas asas, mas aqueles que nos amam. "Os homens — diz Gúbio — não se acham sozinhos na estreita senda de provas salutares em que se confinam".

“OBRIGADO, MEU MESTRE..”

Ishtar: Você não se pertence, mas sim, a muitas criaturas que permitiram o seu crescimento físico, intelectual e espiritual na vida terrena.

A própria civilização me derrubou do pedestal, mas eu não esqueci os meus tutelados. Se você teve um verdadeiro Mestre, ele estará sempre dentro da sua alma, embora você o ignore.

Esquecemo-nos de inúmeras pessoas que passaram pela nossa vida e nos serviram sem alarde: o seu José da Farmácia que, dia e noite, esteve tratando da nossa enfermidade e de toda a família, solícito, pronto e fiel, sem qualquer grande interesse; do seu Leôncio, padeiro, deixando-nos o pão nas manhãs chuvosas e frias de inverno, agradecendo-nos a preferência; do seu Manoel da

venda, vendendo-nos fiado, e nos daijdo um brinde de fim de mês; da Mariquinha Taboca, chorando todos os mortos da paróquia, velando defuntos ricos e pobres e servindo os presentes durante a madrugada. Entre tantos, avultam nossos professores, uns falando compassado, outros gritões, cada um marcando na nossa cabeça um sinal mais com outro menos, mais multiplicado por menos, números montando outros números, Pedro Alvares Cabral e a Nau Santa Maria, misturando-se com a Independência e Tiradentes dependurado na força e o hino nacional de letra comprida, de nunca acabar mais. Onde andariam eles?

Em 26 de outubro de 1965, à tardinha, realizava em minha biblioteca uma sessão de psicografia com a excelente médium campineira S.M.C. As páginas de papel iam-se enchendo de letras, frases, celeremente, com a médium em transe profundo. Quando, depois dos trabalhos, me pus a 1^{er} aquele monte de laudas, se me deparou uma que considerei justificar os conceitos de Ishtar. Havia um bilhete curto e, embaixo, vinha uma assinatura: *José Barreto*. A princípio, não identifiquei quem seria este José Barreto mas, depois, levado pelos próprios termos do bilhete concluí: "Sim. Eis o meu primeiro professor, aquele que me alfabetizou, no ano de 1924, quase meio século passado! Veja-se que coisa extraordinária e por que não podemos gritar esta estupenda realidade ao mundo? O enérgico e competentíssimo Mestre Barreto, o protótipo do antigo mestre-escola da Escola primária de Cotia, cidade que dista vinte quilômetros da Capital de São Paulo, vinha, manifestar-se a um seu discípulo e justamente ele que'tivera tantos, pois, pelas suas mãos passaram quase todos os cotianos de minha geração.

O bilhete estava assim redigido:

"Mário Thomaz

"Graças a Deus me foi permitido trazer a palavra ao meu querido filho e discípulo. Aqui estamos a estranhar toda essa imensidão azulada, um tanto perdida e desconhecida para nós, mas na qual chegamos a sentir a misericórdia deste Pai que não vemos, mas que nos prova a sua existência através .dp amor que esparze.

Feliz por encontrá-lo perdido entre livros e estudos, me senti chëió át' orgulho ao vê-lo realizado, ainda que em debate mental e a sofrer as consequências da encarnação.

"Meu abraço.

"Minha benção.

(a) José Barreto".

Era, pois, uma importante prova pessoal que me chegava. Ela se iniciava com o meu nome de infância: "Mário Thomaz"! O meu nome atual é bem diferente, Mário Boari Tamassía. Quando meu pai me matriculou nas Escolas Reunidas de Cotia teve de fazê-lo com o nome de Mário Thomaz, porque assim fui registrado no Cartório de Cotia, por um erro do escrivão. 41 anos tinham se passado. Nem

eu me lembrava disto e quem o saberia?

No entanto, aquela criatura, mestre-escola interiorana, sob cujo ponteiro estivéramos e em quem não suspeitáramos qualquer ligação mais profunda, repontava das profundezas indevassáveis dos espaços, para chamar-me de “filho querido”. “Há mistérios peregrinos nos mistérios dos destinos”, canta Castro Alves, com seu estro reativado nos temas do Além. E não temos senão que nos curvamos ante a evidência de que os parentescos das almas vêm de eras longínquas e que já caminhamos juntos na estrada da vida, com pessoas que nunca seríamos capazes de imaginar.

ANJOS SEM NOME

Ishtar: Não quero que voei somente creia em mim e discorde do seu semelhante. No pior dos homens existe uma mecha incendiável de heroísmo; que diremos, então, daquelas pessoas que estão a meio caminho do cume?

Humberto de Campos foi uma destas criaturas que a vida meteu num espremedor, para que o suco do seu coração alambicado pela dôr pudesse ser dado aos sedentos de consolação.

Um dia, conta-nos em “Sombras que Sofrem”, mãos desconhecidas e gentis ofertaram-lhe, em nome de Nossa Senhora da Glória, três lindos punhados de violetas. O poeta e escritor imagina como teriam vindo às suas mãos tais mimosas flores. Nossa Senhora teria chamado um Anjo e dado tal missão, dizendo: “A ti, Anjo sem nome, ou de nome que é um doce mistério: a ti, cabe a mais piedosa das missões. Há lá em baixo, na Terra, um pobre e obscuro poeta que chora em silêncio, e cujo sofrimento é calado. Reune os seus gemidos surdos, as suas lágrimas ignoradas, os seus sonhos nascidos mortos. Transforma-os em violetas. Faze, -com eles, três ramalhetes. Que sejam tomados, assim, em pequeninas flores que se refugiam sob as folhas rasteiras, os Seus grandes tormentos escondidos. Leva a esse artista humilde a oblata da flor humilde. Dá-lhe, enfim, a ele, sonhador sem glória, em nome da minha glória, um instante de ilusão, uma hora de felicidade”.

Talvez, por isto, depois de morto, Humberto de Campos compreendeu a importância de esparzir também violetas em retribuição às tantas que devia aos corações crentes e formosos. Procurou um médium e, na pureza de Chico Xavier, encontrou-o e, através dele, começou a lançar para a humanidade flores às mancheias, como aquela chuva de rosas, que Terezinha de Jesus esperava, depois de morta, derramar sobre a humanidade.

A expressão que fundiu, “Anjo Sem Nome” é a que calharia para designar tantas entidades espirituais anônimas que lutam e se esfalfam, no plano espiritual, para dar assistência a seus irmãos da carne.

O além é organizado e não poderíamos imaginá-lo de outra forma ç, nessa

organização, são engajados os espíritos segundo as suas tendências. Há equipes médicas, consoladoras, religiosas, socorristas, de enfermagem, de operações psicossomáticas, pedagógicas, filosóficas, artísticas, etc. Muitas vezes já aconteceu que estivéssemos em reunião e o guia espiritual, de nome Branca, nos dissesse:

"Perdoem-nos,

mas somos obrigados a suspender os trabalhos, pois que estamos sendo convocados para serviço de socorro urgentíssimo em virtude de pavoroso desastre". Assim, num incêndio de vastas proporções como o do Edifício Joelma, em São Paulo, são muitos os irmãos socorristas de outro plano, especialistas, que ocorrem para delicados misteres. Todos eles são anjos sem nome!

Em um dos famosos contactos entre a médium Estelle Roberts e o público inglês, no Aeolian Halls, onde se comprimia massa compacta de povo, eis que, de repente, se manifesta o espírito de um Engenheiro morto no naufrágio do submarino The tis. Depois de descrever o que foi o naufrágio, ele fez um apelo ao público: "Não estou aqui para exibir-me. Vim fazer um apelo para vocês. Acontece que, no naufrágio do Thetis, em que pereci e que os jornais estão noticiando em manchetes, outros colegas meus morreram. No entanto, eu felizmente conhecia alguma coisa da vida espiritual e não me foi difícil compreender a passagem desta para outra vida e reconhecer-me a mim mesmo, como um morto. Mas meus companheiros, até agora, lá se encontram agarrados aos escombros do submarino, sem que os espíritos de luz e socorristas consigam despertá-los para a compreensão da continuidade da existência em dimensão diferente. Venho, pois, pedir o concurso a todos vocês para que orem e façam trabalhos espíritas a fim de que os mesmos se reencontrem e possam escapar àquela penosa situação".

Conheci um cidadão santista, Frederico Alcino, muito dado e simpático, com quem logo fiz amizade. Ele gostava demais de música e apreciava tocar violino. Como eu, também, sou músico, fazíamos sempre as nossas tocatas, nas ocasiões em que vinha a Campinas, pois frequentava a casa do meu vizinho do qual era parente chegado.

Certa ocasião, em que realizava uma sessão de psicografia, eis que se manifesta o nosso guia chamado Zeca que nos comunica, através de um bilhete o seguinte: "Encontrei um senhor chorando. Ele diz chamar-se Frederico Alcino e, à viva força, quer conversar com os parentes do prédio ao lado, mas é lógico que ninguém irá atendê-lo. Daí o seu imenso desespero e perturbação em que se encontra. Ele ignora que não pertence mais ao mundo dos vivos e que, portanto, já morreu e que deve partir para outra. Tomei a liberdade de trazê-lo até aqui, introduzindo neste recinto, pois alega ser seu amigo. Acredito que, reunindo as suas e as nossas forças, poderemos orientá-lo, a fim de que possa ser conduzido a parâmetros de socorro espiritual".

Assim fizemos e conseguimos orientá-lo.

De fato, Frederico Alcino havia morrido em Santos, parece-nos que de colapso cardíaco, quando dirigia o seu carro em pleno centro da cidade, motivo por que não percebeu o seu passamento.

Mas foi um Anjo Sem Nome, nosso amigo espiritual Zeca, que o guiou como filho, nos "vales das sombras".

OS ANJOS HUMILDES

Criaturas humílimas renteiam conosco na vida cotidiana, uma antiga governanta ou modesto jardineiro que, depois, no além, serão aquelas luminosas entidades cuja luz necessitaremos para enxergar o caminho que nos conduza a um Posto de Socorro Espiritual.

Um caso deste gênero nos é revelado pelo espírito de Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque) escritor membro da Academia Brasileira de Letras e, também, político de evidência. Conta-nos ele que, por desinteligência política, certa vez estavam ele e seus adversários para se engalfinhar, no meio da rua, quando um espadaúdo cidadão apartou-os, impondo respeito com a sua musculatura. O salvador de emergência chamava-se Manuel e, ali mesmo, se mostrou grande admirador e leitor de Medeiros e Albuquerque, solicitando-lhe orientação referente ao magnetismo, sobre cujo assunto o escritor- vinha publicando artigos. Medeiros e Albuquerque atendeu-o, fez indicações bibliográficas, mostrou-se interessado, pois que, afinal, Manuel tinha-o livrado de uma situação difícil. O rapaz se identificou: Tinha vindo para o Rio com ideias elevadas, mas o único emprego que arrumara era. o de quituteiro de uma casa de pasto portuguesa. De quando em vez, aparecia o Manuel; levava livro e trazia livro, demonstrando cultura fora do normal.

Em virtude da política ainda, Medeiros e Albuquerque foi exilado, ausentando-se da Pátria por longo tempo. Quando voltou, estava no seu escritório, na companhia de Lauro Muller, ex-Ministro de Wenceslau Braz, quando, cheio de entusiasmo e mal podendo falar de comoção, aparece naquela hora o nosso Manuel, quituteiro, e vai com seu vozerio gritando: "Doutor Medeiros, Doutor Medeiros"! "Quantas saudades"! "Afinal, o sr. voltou"! "Tenho muita novidade acerca do Magnetismo Curador. Acabei lendo o Livro dos Espíritos de Allan Kardec e me tornei espírita e, com isto, tenho conseguido esclarecimentos e curas sensacionais. O Sr. precisa ver. Aliás, realizo, na minha casa, sessões. Espero-o lá, viu Doutor"!

Medeiros e Albuquerque, cioso do seu nome, diante de Lauro Muller, figura das mais destacadas no cenário político brasileiro, não sabia onde esconder a cabeça de vergonha. Mas achou um meio de sair-se da dificuldade. Virou-se para Lauro Muller e disse: "Lauro, tenho aqui um ex-empregado requerendo nossos préstimos. Não é má pessoa, mas enlouqueceu de repente. Guarda a

mania do espiritismo e eu desejava seus bons ofícios para que o infeliz obtivesse tratamento acessível na Praia Vermelha. Creio que não precisará do internato em regra, mas não pode prescindir de algum contacto com o hospício”.

O Manuel, quituteiro, lançou olhar humilde ao escritor e duas grossas lágrimas rolaram-lhe pela face. Despediu-se cabisbaixo e nunca mais apareceu.

Medeiros e Albuquerque desencarnou. Não estava preparado para enfrentar essa transformação. Errou no Além. Mendigou proteção. Andava às apalpadelas na escuridão. Nenhum Lauro Muller ou Ministro para atendê-lo! Deixêmo-lo contar: “Densa noite envolvera-me de súbito, e eu gritei com toda a força dos pulmões cansados, clamando por enfermagem e socorro, que se me afiguravam distanciados para sempre. Em que tenebroso lugar minha voz vibraria agora, sem eco? Que ouvidos me captariam as lamentações? Por quanto tempo supliquei apoio naquela posição de insegurança? Um instante surgiu, contudo, em que percebi junto de mim prateada luz. Alguém se aproximava, dando-me a ideia de piedoso visitador, remanescente talvez de São Bernardo, o salvador de viajantes perdidos nas trevas. Diante do meu deslumbramento, a claridade cresceu, cresceu, e uma voz, que jamais olvidei, saudou alegremente: “Doutor Medeiros! Doutor Medeiros”.. .! E o Manuel surgiu fulgurante de rara beleza, ante meus olhos assombrados, estendendo-me os braços fraternos. Quietou-se-me, então, o raciocínio humano, apagaram-se-me os pruridos da inteligência. *Manuel, aureolado de sublimada luz, era para mim agora um verdadeiro redentor. Confiei-me ao seu carinho, copiando a rendição da criança assustada, que se refugia no seio materno, e uma vida nova começou para mim, somente imaginável por aqueles que sabem, sobrepairar ao turbilhão de mentiras humanas, para escutarem, de alguma sorte, a mensagem renovadora dos companheiros que atravessaram a cinzenta e gelada fronteira do túmulo”.*

CAPÍTULO 6

O BEIJO DA MORTA

Ishtar: As flores, que colocamos num vaso de cristal, fenecem, mas não as que semeamos em outro coração. Os que me construíram altares marmóreos ou movimentaram maquinalmente os turibulos de incenso não ficaram no meu livro branco; registrei, com gratidão, os que afagaram e beijaram, por mim, os desvalidos.

A jovem Lynn Youngman, estudante do Goucher College, em Baltimore, adoeceu gravemente atacada de poliomielite bulbar, o que a levou em busca do ministro da sua Igreja que tinha fama de realizar prodigiosas curas pela fé.

Não obstante todo o empenho do reverendo-curador, a meiga e delicada Lynn faleceu. O insucesso chocou sobremaneira o ministro que se sentiu frustrado,

pois parecia que Deus não lhe ouvira as preces e que, se assim Ele não atendera aos apelos do seu amor àquela criaturinha necessitada, a culpa possivelmente seria sua, de não estar em graça com o Alto ou não ser dotado do dom de curar' como julgavam que o fosse.

O nosso humilde e bom sacerdote procurou a médium Olga Worrall, mundialmente famosa, que, embora atenda na Igreja Metodista, tem inúmeros dons psíquicos, entre os quais o de "ver espíritos", e ela diz-lhe: "Vejo uma jovem a seu lado, sorrindo. É alta, loira, de olhos azuis. Pede que eu lhe diga que o seu nome é Lynn e que o senhor deixe de sofrer sem razão. Diz-lhe, também, que o senhor não cometeu nenhuma falta com relação a ela. Não lhe foi possível curar-lhe o corpo, mas curou-lhe o espírito". Depois de uma pausa, a médium exclamou: Estranho! Ela agora está se inclinando e beijando-o na testa, ao tempo que me pede para transmitir-lhe o seguinte recado: "Diga ao reverendo que estou retribuindo o seu beijo".

Quando esta última frase foi pronunciada, o ministro deu um pulo do sofá, em que se acomodara: "Aquilo era demais para a sua sensibilidade, levando-o a tremenda perplexidade diante do enigma do Além. Era a retribuição a um beijo que, de fato, dera na jovem Lynn, no mais absoluto segredo. Só ele e Deus sabiam-no! O fato acontecera no Hospital, onde a moça fora internada e colocada num pulmão de aço, em virtude do seu estado gravíssimo. O reverendo, naquela hora, contristado e comovido, levado por reverente piedade cristã, aproximou-se furtivamente e deu um beijo paternal naquela figurinha lívida e desfalecida. Agora, Lynn vinha do Além demonstrar a sua gratidão. Guardara, no seu coração, aquele lindo gesto de ternura.

*

Everaldo Pontes era homem de compleição robusta e se gabava de nunca ter sofrido sequer uma enxaqueca. Jamais alguém conseguira interessá-lo em assuntos religiosos. A vida lhe era isto aqui e, caso existisse Além, costumava dizer rindo: "Lá serei um sultão no harém com mil odaliscas". Falava isto em tom de pilhéria, mas ele era assim.

Um dia, Everaldo compareceu à sessão espírita que se realizava na residência da sua mana Aldemira e da qual participavam as suas filhas, que nunca conseguiram levá-lo para ouvir algumas lições. A todos causou espécie a presença dele. Orou, ouviu a pregação evangélica, tomou passes, direitinho. Julgávamos que não voltasse mais e tivesse achado cacete, mas voltou. E ele explicava: "Estou sentindo algo na laringe e não me sinto bem".

No entanto, quanto mais tomava passe, mais Everaldo ia piorando, enquanto fazíamos tudo para que melhorasse, pois que a sua melhora seria um belo exemplo e atração para toda a sua camarilha.

Everaldo faleceu, causando enorme decepção.

Tempos depois do desencarne, Everaldo manifesta-se através de ótimo

médium, dizendo-nos: "Sei que vocês se sentiram desencantados com o meu caso. No entanto, fizeram-me bem e aqui estou para manifestar-lhes a minha gratidão e dizer-lhes "muito obrigado". Eu fui arrastado à sessão quase que à força, pelo meu guia, não para me curar mas para me desligar e me preparar para o desencarne. Se eu não tivesse comparecido aos trabalhos, aprendido tantas lições referentes ao Além, eu teria de suportar um sofrimento dantesco pós-morte em virtude do impacto que a morte me causaria".

O beijo da morta Lynn ou o "muito obrigado" de Everaldo revelam que poderemos na vida do além-túmulo encontrar muita gratidão a pequenos gestos que tivermos de amor ao semelhante, porque a gratidão pertence também aos mortos.

“OBRIGADO, MR. BOLTON...”

Ishtar: Creia que todo ser é anseio de vida e de afirmação. Na intimidade de cada ente existe certo grau de psiquismo até o homem e deste até Deus. "Enigma mudo" – disse-lhes Michelet. Se eu, ishtar, lhes dissesse o que sei, vocês ficariam embaraçados.

Mr. Gambier Bolton era muito conhecido como zoólogo e se distinguia dos seus colegas por ter entranhado amor aos animais. Certa ocasião, recebe um apelo do depositário público local para que fosse, com urgência, dar uma olhada num leão-marinho que havia sido depositado, naquele departamento, mas que parecia sofrer muito e por certo morreria, se não se providenciasse socorro veterinário. Mr. Bolton não se fez por esperar e realmente naquele local, onde se depositavam os objetos mais variados, viu o coitado do leão- -marinho atirado a um desvão infecto, todo machucado com profundos cortes feitos à arpão. O zoólogo percebeu que não poderia salvá-lo, mas que poderia aliviá-lo do sofrimento. Providenciou para que o transportassem para o jardim zoológico e que cuidassem dele com o máximo de carinho.

Com o tratamento adequado, o leão-marinho teve recuperação maior do que se esperava. Quando Mr. Bolton se aproximava do aquário, o animal distinguia-o entre todos os outros visitantes. O seu olhar para Mr. Bolton era diferente e dir-se-ia que, à semelhança de um fox-terrier ao ver o seu dono, nadava trêfego de um a outro lado.

Dez dias após a morte do animal, Mr. Bolton realizava sessão com notável médium de efeito físico, Dr. Craddóck, contando com a presença de pessoas gradas da localidade, inclusive pessoas de elevado grau cultural e científico. De repente, alguém fora da cabine de ectoplasma grita: "Por favor, afastem de mim este animal; ele está me sufocando...". Mr. Bolton, surpreso, olhou na direção da voz e verificou que era o espectro adensado do leão-marinho o causador da balbúrdia pois que, tendo se apropriado do ectoplasma, se tornara visível. O animal, na frente de todos, rastejou pelo solo e parou junto a Mr.

Bolton por alguns momentos, depois voltou à cabine e desapareceu para sempre. De que forma se dera tal operação, não é possível dizê-lo e muitas conjecturas caberiam no campo da metapsíquica e do espiritismo científico. Mas que aconteceu, aconteceu!, tanto assim que a London Spiritualist Alliance resolveu pesquisar o assunto, tendo Mr. Bolton, de. prestar o seu valioso depoimento; "There is no doubt in my mind". — "Não tenho nenhuma dúvida".

Que é um animal?

Se se enrodilha em nosso coração, até *quando* e até *onde* poderá eventualmente permanecer no pós-morte?

Helen Lambert, escritora americana, era viúva de um Agente Secreto norte-americano que foi assassinado. Ela desconsolada buscou contactos mediúnicos com o seu pranteado esposo. O seu marido, por fim, num dos trabalhos, se manifesta jubiloso por aquele reencontro e, entre tantas notícias, obtempera entusiasmado:

- Tenho na minha companhia o *Joseph!*
- *Quem é Joseph?* indaga uma pessoa estranha.
- *Joseph* — diz a esposa — era um crocodilo de estimação do meu marido e que, também, morreu...

O célebre médium Horace Leaf conta que muitas vezes ficou surpreso ao ver certos animais acompanhando seus consulentes. Um tanto vacilante e achando aquilo esquisito, arriscava tocar no assunto e quase sempre a pessoa confirmava que tivera mesmo aquele cavalo, aquele cão ou gato e que haviam morrido, com as características descritas pelo vidente.

As histórias de fidelidade do animal para com o homem são belíssimas e ilustram muitas páginas da nossa literatura. O cavalo do beduíno Koya El Zeatary, que morava na região de Marsa Matruh, não quis mais comer e, tampouco, se afastava da tenda onde o seu patrão se encontrava moribundo. Quando Koya morreu, o cavalo acompanhou o enterro; depois subiu ao alto da colina e se lançou no abismo, suicidando-se!

Um outro caso, assim, de estima recíproca e com relevo de transcendência, é o de certo capitão que vivia solitário e feliz à beira-mar e que devotava verdadeira paixão por um gato chamado Ruciman. Quando o capitão velejava levava consigo o seu Ruciman. Certa vez, o capitão adoeceu gravemente e levaram-no para um Hospital, internando-o. O gato, todos os dias, trepava numa árvore e ficava olhando o mar, bem lá distante, esperando que o seu patrão regressasse. Foi-se definhando, pois que se recusava a provar qualquer alimento. Enquanto isto se passava no litoral, lá no Hospital o velho capitão falava do gato todos os dias. O capitão teve o seu mal agravado e, chegando ao estado preagônico, estendeu os braços e apanhou, ao lado da cama, algo invisível aos olhos dos enfermeiros, dizendo: "Vamo-nos Rusiman"!

Naquele exato momento, o gato Ruciman morria na praia, de enfermidade

original: Puramente saudade!

CAPÍTULO 7

PARA QUE O MUNDO OUIÇA...

Ishtar: Quando a sua hora chegar, você terá a prova.

Você desejará que todos acreditem em você, Imof o desdenharão, dando de ombros.

Se você vir, deverá dar contas do que fez Icom a visão, se guardou egoisticamente ou if a enunciou com coragem!

H. Dennis Bradley, jornalista e escritor inglês, caracteristicamente impertinente e sarcástico, certa ocasião foi convidado pelo seu amigo dr. Joseph De Wyckoff, abastado fazendeiro, para passar alguns dias em sua herdade em Alena Towers, nos Estados Unidos. Encontrando-se hospedado na mesma mansão rural, o famoso médium George Valiantine, os familiares resolveram fazer uma sessão espírita. Dennis Bradley foi, então, convidado para participar da mesma. Cético como era, o jornalista aceitou por imperativo de retribuição à hospitalidade.

Quando se viu metido naquele pequeno círculo de pessoas, em sala herméticamente trancada, na obscuridade, foi com dificuldade que resistiu ao ímpeto de ridicularizar aquela estulta gente que pretendia conversar com os mortos!

O médium entrou em transe profundo e se fez silêncio sepulcral, como um imenso vazio à espera de algo indefinível. Uma voz de mulher, cheia de doçura, irrompe sonora no espaço. Voz sem corpo, mais que num milagre bíblico, se externa: "Oh! eu te quero muito, muito". Bradley, de pronto, reconhece a voz, por ser-lhe grata à memória; pertencia à sua falecida irmã, mas não enuncia o nome. Indaga-lhe: "Quem és"? E a voz responde: "Sou Annie".

O diálogo entre ambos se tornou humano e através dele as duas esferas se encontravam e, naquele momento, nascia outro homem. Ela lhe assinalava uma missão: A de mostrar essa maravilhosa verdade ao mundo e H. Dennis Bradley bravamente anunciou à humanidade a sua grande descoberta: que os mortos vivem e podem falar-nos numa voz sem corpo através do fenômeno conhecido por pneuma- tofonia. Diz-nos ele em "Toward the Stars" ou Rumo às Estrelas:

"Nossa ideia de espaço e tempo é muito relativa. Quando o mundo entrar na posse duma sabedoria superior, verá que ela é duma perfeita simplicidade. A virtude da vida deve ser o amor, porque a doutrina do temor de Deus é um insulto à suma inteligência. O amor, livre das leis dos homens, é a coisa suprema da criação. A investigação que empreendi chegou ao fim. Já não me baseio em

crenças. *Eu sei*.

Quem o levava a empreender essa viagem, como a de Jasão em busca do velocino de ouro, arrostando os riscos da detratção, foi Annie que gritou para que todo o mundo ouvisse: "Eis-me, como Cristo, ressurrecta"!

A PRESENÇA DE RAYMOND

Outro caso de despertar e conseqüente decisão intemorata, foi o que se deu com Sir Oliver Joseph Lodge, eminente cientista, que realizou pesquisas no domínio da Ótica e da Eletricidade, com uma produção bibliográfica de mais de trinta obras, versando sobre as mais diferentes matérias.

Raymond era o seu filho mais moço, educado e graduado pela Universidade de Birmingham, como engenheiro por insopitável vocação, dele dizendo o irmão: "Possua inteligência de raro vulto que causava orgulho e, nele, os parentes depositavam grandes esperanças".

Convocado para integrar o exército inglês, na guerra de 1914, Raymond tombou morto na batalha de Flandres em 1915.

Já no mesmo ano, a 27 de setembro, Sir Oliver Lodge, em sessão com a grande médium, Mrs. Leonard, teve a oportunidade de entrar em contacto com o seu amado filho, por intermédio de Feda, guia espiritual especializado neste trabalho e que os ingleses chamam por controle. Dizia Raymond: "Tenho comigo, aqui no Além, instrutores e professores".

Quem seriam estes instrutores e professores?

É a própria Feda quem explica um fato que hoje tem a sanção de todo o mundo, onde se realizam pesquisas e reuniões espíritas: Nos fronts, muitos soldados quando caem mortos violentamente, não adquirem consciência de que morreram e "continuam lutando"¹ ou, pelo menos, querem continuar a fazê-lo". Não é fácil levá-los ao apaziguamento e ao reconhecimento de que a vida corpórea já passou e que devem marchar para outra direção, rumo a nova experiência em planos próprios e adequados ao corpo etéreo de que agora estão revestidos. - É, aqui, onde funciona a lei de serviço fraterno: Espíritos de Luz chefiando hostes de irmãos socorristas, em várias especialidades, recolhem-nos a estabelecimentos próprios, edificados em tais planos contíguos à Terra, dão-lhe tratamento adequado, muitas vezes parecendo aos recém-trespasados que estão mesmo num hospital da Cruz Vermelha, a fim de que devagarinho se adaptem à ideia de morte, que poderia lançá-los num turbilhão de pensamentos incontroláveis e loucos. Importa orientar, instruir e reeducar os recém-chegados, daí referir-se Raymond a "professores e instrutores". Noutra ocasião, Raymond observa: "Tenho agora dois pais, mas não é como se houvesse perdido um e ganho outro. Tenho-os ambos. Você, meu pai carnal, e o outro".

Novo mistério do Além que importaria sondar! Quem seria esse "outro pai" que Raymond arranjou? Só mais tarde "esse outro pai" se manifesta para dizer

que “havia adotado Raymond como seu filho, no Além”. Essa alma boa, solícita . e que assumia uma paternidade, era o grande Frederic Myers, uma das mais brilhantes inteligências e que, na Terra, havia escrito um verdadeiro monumento: “Human Personality”.

Curioso que o diálogo entre um encarnado e outro desencarnado repita o que acontece entre dois homens viventes na Terra: Se os interlocutores são medíocres, registramos uma prosa vulgar e inútil. Se são de elevado saber, ou mesmo que seja apenas um o de saber elevado, a prosa tem pontos substanciosos para o nosso aprendizado. Raymond faz um apelo ao seu pai, em termos que valem um tratado de espiritualidade: “Por amor de Deus, meu pai, fazei-o.

Porque se soubésseis e pudésseis ver o que vejo: centenas de homens e mulheres de corações partidos. E se pudésseis ver neste lado os rapazes, vós vos lançaríeis, com todo ímpeto, nesse trabalho”. Sim, o trabalho de convencer os cabeças duras dos timoneiros da humanidade de que a sobrevivência é um fato e que também é fato incontestável a comunicabilidade dos mortos com os vivos. Importa que o túnel entre os dois mundos seja aberto e que a ferramenta chamada mediunidade seja aprimorada, ajudada, orientada e não desprezada.

Depois, Sir Oliver Lodge continuou em contacto com o seu filho Raymond através de diferentes médiuns. As provas, como as desejava o cientista, foram se acumulando e Raymond passou para o terreno dos esclarecimentos:

“Onde e como viveria, no Além, um rapaz de 26 anos, como Raymond”? O jovem responde: “Eu vivo numa morada construída de tijolos e há árvores e flores, e o chão é sólido. Se a gente ajoelhar-se na lama, aparentemente suja a roupa. O que ainda não compreendo é que a noite não siga o dia, como no plano terrestre”. As mesmas explicações dadas por André Luiz, em “Nosso Lar”. Ao invés de “Nosso Lar”, Raymond vive em “Summerland”.

Foi em virtude destes contactos que nasceu a obra “Raymond” e, na qual o cientista-pai conclui: “Estou convencido da sobrevivência da personalidade depois da morte como o estou da minha existência na terra”. Convicção plena, absoluta que, com ênfase, Oliver Lodge comunicou ao mundo como o fez com as suas descobertas na ciência acadêmica.

“É MINHA MÃE QUE ME ESCREVE..”

Ishtar: Como você se apresentaria, no meu templo e no do Pai, com as mãos completamente vazias e os lábios mudos? Porventura, Jesus não os lastimou por terem-no visto multiplicando pães e ainda pedirem mais milagres?

Gabriel D'Annunzio poderia ter sido um novo Dante do moderno espiritualismo, mas preferiu sê-lo das refregas san- * grentas do Fiume. Através da Ultrafania de Tiespoli, ficamos sabendo que D'Annunzio teve -o seu grande momento espiritual mas que, igual a muitos dos que comeram o pão multiplicado por Jesus, não aproveitou a mensagem para coisa alguma.

Este impulsivo e brilhante escritor teve a oportunidade de conhecer a médium italiana Bice Valbonesi que o procurou a fim de que ele opinasse sobre as suas produções psicográficas. Bice não desejava publicar os seus trabalhos mediúnicos, sem a opinião abalisada de um homem de letras e uma voz insistia: "Vai e mostra teu trabalho a Gabriel D'Annunzio".

Ela se encontrou com o escritor no Hotel du Lac, de Gardone, passando ambos a realizarem diversas sessões espíritas que deixaram o vate verdadeiramente perplexo. A médium em transe enchia celeremente páginas e páginas de papel, as quais saíam de tal modo tão bem compostas que poderiam ir direto à tipografia. O fenômeno era insólito. Mais insólito se tornou quando, de repente, a inteligência comunicante passou a escrever com uma letra tão miudinha, que poucas haveria igual em qualquer comunidade. Era caligrafia bem peculiar para a qual voltou-se D'Annunzio, com o máximo de atenção. Cheio de emoção, toma as laudas e exclama: "É minha mãe que me escreve".

Durante oito dias, D'Annunzio obteve as mais convincentes e belíssimas provas de que a vida não é estanque e sem vasadouro como um lago Titicaca, mas é água corrente que buliçpsamente se purifica nas próprias lutas e sob o calor de um deus-sol, se eleva e se toma leve como nuvem.

O poeta ficou tão grato a Bice Valbonesi que lhe fez presente de uma fotografia com esta dedicatória: "Manus Matris 7-1-24". Que significaria "Manus Matris"? Acontece que, na foto, aparecia u'a mão sobrenatural, acariciando o queixo de D'Annunzio e este dizia: "É a mão de minha inesquecível mãe".

D'Annunzio, porém, não parou para pensar e prosseguiu entendendo que a arte em si, só pela arte, poderia justificar uma existência, quando a própria arte tem graus segundo os mundos; como a arte do indígena aqui na Terra não é a mesma que a de um Rodin, que relação haveria entre os seus símbolos e o que de expressivo se esconderia nos altiplanos da espiritualidade maior?

Ao contrário de Lodge, D'Annunzio deixou passar o seu momento e não emprestou o seu estro a uma causa que era a da humanidade, preferindo que a nau ficasse ao léu, na calmaria, do que auxiliá-la com o seu poderoso sopro.

“UMA DÁDIVA DE DEUS”

Ishtar: Piores são os que escondem a luz, mesmo que com boa intenção proclamem: "Nós já temos a nossa e não necessitamos de outra." Estes terão tentado colocar um dique no Amazonas.

Tolos! – sem deixar os seus pendores próprios, por que não adotar a verdade antes que a verdade os afogue?

A Rainha Vitória da Inglaterra deu nome a uma época, que ficou se chamando vitoriana. Casou-se com Alberto Coburgo, que amou verdadeiramente. Quando a morte o levou, ela se sentiu solitária e desamparada, no meio de tanta melosa solicitude ministerial e salamaleques palacianos que de certa forma, deixavam o chão,, em que pisava, escorregadio. Ele, o príncipe Alberto, fora o companheiro certo para as horas incertas, pois que não a enganava, aconselhando-a corretamente, sem que o mundo sequer tomasse conhecimento dos seus conselhos.

Quando uma alma quer, encontra. Importa que tenha coragem, fibra e amor à verdade, custe o que custar. Ora, havia, no seu reinado e servindo-a em Balmoral, um rapaz chamado John Brown, através de quem o Príncipe Alberto havia se manifestado e fizeram chegar à rainha essa comunicação. A rainha Vitória mandou que o humilde John Brown viesse à sua presença e, ao invés de fazer aquilo que outrora fizera o rei Jaime IV da Escócia, que colocou numa só fofalha 200 "bruxos", deixou-o à vontade, deu-lhe condições do exercício mediúnico e recebeu a retribuição do Alto: O Príncipe Alberto veio-lhe ao encontro através daquele insignificante empregado, enchendo o coração da rainha 'de consolações. Por fim, a rainha achou melhor que John Brown ficasse à sua disposição e sempre que se encontrava em dificuldades apelava para o seu desaparecido companheiro que lhe dava medianimicamente as orientações convenientes.

A Rainha Vitória lembrou-se de todas outras esposas do seu reino que estariam enfrentando a mesma crise que a sua e, tendo ela recebido de graça, também assim queria transmitir às mesmas esta verdade: Nossos amigos, irmãos e maridos persistem, junto a nós, se o liame do coração continua firme, mas é necessário que saibamos abrir a nossa mente à recepção das suas palavras ditas do outro lado da vida. Alinhavou, a rainha, suas memórias que desejava vê-las publicadas, contendo tais revelações. Mas pelo que se conta, habilmente o Dr. Randal Davidson, Arcebispo de Canterbury, cioso das suas funções religiosas, impediram-na. Ao seu ver e de todo o mundo, poderiam considerá-la portadora de demência senil. A intenção poderia ter sido boa, no. entanto, todos os pastores de almas e guias de homens devem andar de olhos abertos para que possam perceber os sinais, a fim de que não impeçam os seus guiados de avançar ou a humanidade de caminhar, como fizeram aqueles professores de uma universidade italiana que não aceitaram o convite de Galileu para que examinassem a realidade que a Terra girava em torno do sol, por ser isto, uma heresia e contrariar os preceitos bíblicos.

Acredito que ninguém foi mais insistentemente taxado de louco e tratado

como insano do que o apóstolo Paulo, principalmente pelos seus amigos e companheiros do Sinédrio principalmente quando erguia a sua voz e falava de luzes, vozes e aparições que o levaram à conversão.

A rainha Vitória, se não pode escrever, mandou no entanto que se esculpisse um busto em homenagem a John Brown e, embaixo, colocou-lhe esta dedicatória: "Ele foi uma dádiva de Deus".

No entanto, esse busto não permaneceu no lugar e atiraram-no em um desvão qualquer. Até mesmo uma estátua não pode permanecer de pé, se tem poder de comunicação e esta seja inconveniente à ordem preordenada e sagrada. Daí, Horace Leaf ter dito, com propriedade e experiência própria, que "A mediunidade e o seu rebento religioso são obrigados a caminhar solitários".

É o destino de toda alma, cuja missão seja trazer qualquer nova mensagem à humanidade ser podada; todavia, parece que nisto existe um processo de revezamento, pois que, quando uma alma cai, outra toma-lhe a tocha e avança mais alguns estádios na estrada do progresso.

BIBLIOGRAFIA

Grande parte das ocorrências citadas foram recolhidas em revistas, publicações, jornais, notas de trabalhos mediúnicos: outras ocorrências e citações de inúmeras obras, entre as quais: "Boa

Nova — pelo espírito de Humberto de Campos — Editora Feb; "Ninguém está só . . . por Catherine Marshall — Editora Cultrix; "O Porquê da Vida" — por Leon Denis; "Poetas Reditivos — por Francisco C. Xavier — Editora Feb; "Meu Filho vive no Além — por Walter Wynn — Editora Clarim; "Forças Libertadoras" por R.A. Ranieri — Editora Eco; "O trabalho dos mortos" por Nogueira de Faria — Editora Feb; "Antologia dos Imortais — por Francisco C. Xavier; "Libertação" — espírito de André Luiz, Editora Feb; "Para todo o sempre" — por Catherine Marshall; "Auxiliares Invisíveis — C.E. Leadbeater — Editora Pensamento; "Livro dos Espíritos" por Allan Kardec — Editora Lake; "A Vida de Victor Hugo" — por André Maurois — Edição "Livros do Brasil" Lisboa; "Rumo às Estrelas" ou, atualmente, "A Imortalidade da Alma" H. Denis Bradley — Editora Edicel; "Falando à Terra" — Francisco C. Xavier Feb; "Raymond" — por Oliver Lodge — Editora Soc. Metap. de S. Paulo; Encyclopedia of Psychich Science — por N andor Fodor

— University Books; "Death Cannot Kill" — por Horace Leaf — Marx Parrish and Co. Ltd; "No Limiar do Mistério da Sobrevivência"

— Hamilton Prado — Edição Serviço Social Batuíra; "O Pequeno Príncipe — Saint-Exupéry Livraria Agir Editora; "Vida dos Homens Ilustres — "Numa Pompílio" — vol.— Plutarcho Editora das Américas SA —; "Escritores e Fantasmas — Jorge Rizzini — Editora Difusora Cultural; "Ultrafania" — G.

Trespioli — Editora "El Ateneo".